

CLAUDIENE DOS SANTOS COSTA

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Sobral:
um outro ethos religioso no sertão cearense

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob a orientação da Profa. Júlia Miranda.

Fortaleza
2006

CLAUDIENE DOS SANTOS COSTA

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Sobral:
um outro ethos religioso no sertão cearense

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Dra. Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Ismael de Andrade Pordeus Júnior (Membro)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dra. Inês Sílvia Vitorino Sampaio (Membro)
Universidade Federal do Ceará

*Dedico este trabalho aos meus pais, Valdéria e Nonato Costa,
e aos meus irmãos, Cláudia, Moacir e Nonato Júnior, em agradecimento pelo que
dedicaram a mim desde que nasci.*

Agradecimentos

A todos os entrevistados nesta pesquisa, pela boa acolhida. De forma muito especial, um enorme obrigada aos amigos João Paulo e Patrícia Nascimento, pelo imenso apoio e carinho em todos os momentos. Parabéns pelo bebê!;

A todos os meus familiares, pelo barulhento e imperdível almoço de domingo na casa da avó Maria Olintete (nosso maior tesouro!). Esse momento recarrega nossas baterias e compensa minhas viagens Fortaleza-Sobral-Fortaleza. Incluo aqui Toinha e família (sentar na calçada com ela, que cuidou de mim e dos meus irmãos, lembra quem eu sou);

Às minhas amigas de longa data, que são minha casa: Luciana, Elane (agora mãe da Darlin!), Patrícia, Kamila, Ana Élide e Roberta. A companhia de vocês, mesmo distante, é um dos grandes motivos de eu ter orgulho do caminho que tracei até hoje. Agradeço a Deus por tê-las!

Aos amigos que me fizeram sentir incrivelmente abençoada desde que iniciei a faculdade. Meus queridos Sectários (turma Comunicação Social/ UFC - 2002.2), muito obrigada pela alegria, carinho e amizade em todos os momentos incríveis que tivemos. Que cada um de vocês se sintam felizes por tudo que vivemos e cuidem bem do que plantamos;

Em especial, agradeço por ter Sheyla, Cristiane, Sérgio e Tércia, que estiveram comigo enquanto me transformava na Super Sobral. Que cada vez que a gente precise um do outro, não demore mais que cinco minutos pra se achar. E continue a briga de sempre sobre quem fala mais, quem fala mais alto, quem vai escolher o próximo cd a tocar, o filme, o assunto, etc.

À professora Júlia Miranda, pelo incentivo ao tema deste trabalho, que tanto me empolgava quanto preocupava;

Ao professor Ronaldo Salgado, obrigada por ser a inspiração em pessoa para tudo que eu deveria fazer se me considerasse uma pessoa feliz e não, medrosa;

Amigas que dividiram o teto comigo, e demais pessoas de Fortaleza e Sobral com que convivi nos últimos quatro anos, obrigada pelo companheirismo;

À Albinha e família, e Andréa e família, obrigada por me receberem em suas casas e me fazerem sentir em casa;

Aos amigos da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC, especialmente Adelânia e cia., obrigada pelos alegres dias de trabalho;

E a todos os que acabaram de chegar na minha vida, sejam muito bem-vindos! Conforme uma amiga da faculdade (não vou dizer onde, nem quando, nem em que estado ela estava quando disse, ok, Rebeca?): “O coração sempre fica em algum lugar. O bom é voltar para buscá-lo.” Agradeço a Deus por meu coração estar em paz aqui comigo, e eufórico por estar com cada um de vocês. Muito obrigada!!

- *Quem são os Santos dos Últimos Dias?*

- *Somos nós!*

(resposta imediata de uma sobralense à pesquisadora)

Resumo

A presença da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias num populoso bairro da cidade de Sobral, Ceará, é observada através das relações entre seus membros, favorecidos pelo local onde moram. Os mórmons do Sinhá Sabóia experimentam um processo de adequar-se a uma cultura religiosamente construída e com características distintas das desenvolvidas naturalmente na cidade. A sociabilidade entre os mórmons viabiliza o aprendizado deste estilo de vida estranho aos sinhaboienses e a expressão da identidade de membros desta Igreja, através da comunicação, firma uma sociedade dentro do bairro, com limites religiosamente instituídos, que convive e disputa espaço com os demais grupos religiosos atuantes no local.

PALAVRAS-CHAVE: Mórmons. Ethos. Sociabilidade. Comunicação. Bairro Sinhá Sabóia.

Abstract

The presence of the Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints in a populous neighborhood of the city of Sobral, Ceará, it is observed through the relationships among your members, favored by the place where they live. Mormons of Sinhá Sabóia try a process of adapting to a culture religiously built that have different characteristics from the one naturally developed in that city. The sociability among the Mormons makes possible the learning of this strange lifestyle to the people of the neighborhood and the expression of the identity of members of this Church, through the communication, makes a society with limits religiously instituted, that lives together and disputes space with the other religious groups in that place.

KEY-WORDS: Mormons. Ethos. Sociability. Communication. Sobral/Ceará/Brazil.

Sumário

Introdução.....	9
1. Os mórmons em Sobral.....	11
1.1. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.....	15
1.2. Os livros sagrados.....	17
1.3. Organização.....	19
1.4. Deveres dos mórmons.....	21
1.5. Chegada ao Brasil.....	23
2. A capela no bairro Sinhá Sabóia.....	25
2.1. A Escola Dominical: dinâmicas da conversão.....	28
2.1.1. A atenção aos recém-batizados.....	31
2.2. Necessidade de legitimação entre os mórmons.....	33
2.3. O trabalho missionário.....	35
2.4. Dos EUA para o bairro Sinhá Sabóia.....	41
3. A reunião sacramental: comunicação e sociabilidade.....	45
3.1. Os hinos.....	48
3.2. O sacramento.....	50
3.3. Pregações.....	51
3.4. Dia de testemunho.....	53
3.4.1. “Este é o testemunho que deixo”.....	55
3.5. Os mórmons fora da capela.....	61
Considerações Finais.....	64
Bibliografia.....	66

Introdução

Observar o bairro onde cresci sempre foi uma tarefa agradável para mim. Na movimentação das pessoas que eu conhecia, e das que nunca havia visto, definia características do Sinhá Sabóia, em Sobral, Ceará. Nos últimos anos, no entanto, a cada passeio as ruas estavam menos familiares, com novas pessoas, casas e... igrejas. Novas construções, nomes diversos. Cada igreja acrescentava outro grupo religioso à convivência dos sinhaboienses.

Enquanto isso, uns rapazes que ninguém sabia de onde vinham percorriam as ruas do bairro diariamente. Sobre eles, todos sabiam uma coisa: eram mórmons. E cada conversão que eles conseguiam era percebida pelos vizinhos, amigos, familiares do convertido, porque eles se vestiam de forma parecida e saíam de casa para orar em algum lugar que poucos sabiam onde ficava.

Isso mudou um pouco em 2005, quando foi inaugurada no bairro Sinhá Sabóia uma capela da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sobral passou a ser a única cidade do interior do estado a ter quatro unidades da Igreja, funcionando em três locais. Das 13 cidades cearenses onde os mórmons estão presentes, apenas Fortaleza, Caucaia e Maracanaú ultrapassam esta quantidade. O marco instituído fisicamente no bairro foi um reflexo do aumento no número de mórmons naquele lugar, já tão disputado por diversos grupos religiosos.

O fenômeno da adequação dos sinhaboienses a esta cultura religiosamente construída, pouco conhecida no Brasil mas disseminada em diversos países, é a atividade proposta por este trabalho. Privilegiei o ambiente da capela como local de sociabilidade restrito aos mórmons, onde os moradores do bairro que atendem a esta particularidade constroem relações fundamentadas na pertença ao grupo e a comunicação é igualmente ambientada por este fator.

Uma dificuldade nesta pesquisa foi encontrar livros que analisassem a religiosidade dos mórmons. Enquanto diversos autores apresentam pesquisas sobre católicos e protestantes, a Igreja a que eu me propus estudar se situa num espaço ainda pouco abordado, pelo menos em língua portuguesa. Recorri então a fontes publicadas pela própria Igreja, material utilizado para evangelização no mundo todo.

Por outro lado, não encontrei nenhuma dificuldade em participar das reuniões dominicais na capela do Sinhá Sabóia. Os relatos contidos aqui, de experiências de mórmons que vivem no bairro, foram obtidos em entrevistas realizadas nos encontros dos meses de janeiro a maio de 2006. Particpei das atividades mensalmente, na companhia dos demais mórmons, mas identificada como visitante.

A intenção das visitas foi conviver com os membros da Igreja, SUD ou santos dos últimos dias (alguns nomes com que eles se denominam), e conhecer como se dá a interação no seu local de prática religiosa, utilizando para este fim a prática da etnografia, proposta por Geertz. Minha convivência na capela foi mais rica em aprendizado do que o conhecimento dos ideais teológicos mórmons, e é o que abordo nesta monografia.

O primeiro capítulo enfoca a origem da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, suas principais doutrinas, e a atividade em Sobral. A cidade é vista como um campo não favorável à expansão do mormonismo, por suas fortes heranças do catolicismo. No capítulo seguinte, a capela no Sinhá Sabóia é caracterizada como local peculiar de convivência dos mórmons do bairro, e de aprendizado da cultura da Igreja. A reunião sacramental, ponto alto do encontro dominical, é o tema do terceiro capítulo. Nele enfatizo a importância da comunicação para a afirmação de uma sociedade mórmon no bairro.

Capítulo 1

Os mórmons em Sobral

Nas manhãs de domingo, em Sobral, algumas pessoas saem de casa cedo e cruzam ruas, calçadas, bares e carros com som em alto volume. A atenção permanece fixa no destino: uma capela destacada na paisagem árida por uma bela torre. A ela se dirigem homens vestindo calças compridas escuras, camisetas brancas e gravatas, acompanhados de mulheres de saias. Em baixo do braço, um livro de capa azul-escura. São os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias indo ao encontro semanal.

Se nos dias úteis os moradores do bairro Sinhá Sabóia formam um grupo de trabalhadores e estudantes que transitam nas ruas para realizar suas atividades, no fim-de-semana eles se dirigem a lugares distintos para realizar suas práticas religiosas. Enquanto os mórmons vão à reunião sacramental, outras famílias, seguidoras de orientações religiosas diferentes, saem de casa no domingo para ir à missa, ao culto ou à escola dominical. Há catorze locais no bairro onde treze grupos distintos realizam práticas religiosas. Com exceção da Igreja Católica, que mantém duas capelas no bairro, os demais locais são únicos representantes de um grupo religioso.

Convivi com os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no Sinhá Sabóia para reconhecer neles o que Clifford Geertz chamou de “ethos”. O autor afirma que o ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. Ele acrescenta ainda que o ethos está sintetizado nos símbolos sagrados.

Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. (GEERTZ, 1989, p. 67)

É possível, assim, pensar a formação de valores morais e estéticos a que dá lugar uma determinada doutrina e prática religiosas e que distingue seus seguidores de outros grupos. Neste caso, toma-se o bairro Sinhá Sabóia um lugar onde diferentes práticas de sociabilidade têm origem na pertença religiosa de seus atores e no ethos, religiosamente construído. Para apreender o ethos dos que fazem a igreja em questão utilizei a descrição etnográfica proposta por Geertz. Ela vai além de coletar dados, aproximando-se de uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas e inexplicitas e fixando-as em formas pesquisáveis.

O espaço desta análise interpretativa é a capela da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, local destinado aos membros, ainda que aberto a visitantes. Além da etnografia, os relatos dos freqüentadores – suas histórias, suas concepções de vida e seus valores serviram de base à análise, num exercício de “descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o *dito* no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano (Geertz, 1989, p. 19)”.

Mas os mórmons, como são conhecidos os membros da Igreja, também convivem com os moradores do bairro que não são da Igreja; eles constituem o bairro e desenvolvem alguma “sociação”. Esta, segundo Georg Simmel, significa a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados casualmente ou induzidos teologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades.

Esta sociação se dá no bairro crescido à margem direita do Rio Acaraú, em terras doadas por uma senhora conhecida como Sinhá Sabóia. Os trabalhadores do centro da cidade e das indústrias próximas, como o Laticínios Sobralense S. A. (Lassa), Moageira Serra Grande e a fábrica de calçados Grendene, incrementaram a população de 18.625 habitantes¹. As escolas públicas e particulares do bairro, mercantis, hospital, farmácias e pequenas lojas do bairro mantêm muitas das 4500 famílias independentes do centro

¹ Número de habitantes do bairro Sinhá Sabóia, incluindo Cohab I e II, cadastrados no ano de 2006 pelas equipes do Programa de Saúde da Família (Secretaria Municipal de Saúde – Sobral/ CE).

comercial da cidade, distante cerca de 3 km. Ao redor do Sinhá Sabóia cresceram os Conjuntos Habitacionais I e II e o Parque Santo Antônio.

A mais importante experiência dos outros, dizem Berger e Luckmann², ocorre na situação de estar face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos os demais casos derivam deste. Baseado nisso, é na movimentação de pessoas indo ao trabalho, à escola, ao mercantil, ao hospital, que observo como se relacionam os moradores que compõem o Sinhá Sabóia.

A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. A visão deste mundo coerente é construída no cenário do local onde moram. Geertz define “visão de mundo”, na obra “A Interpretação das Culturas”, como o quadro que um povo elabora das coisas como elas são na realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem.

Os vários sinhaboienses, então, constroem coletivamente sua visão de mundo, com base também no território comum. Surge um ambiente único, diferente dos outros bairros, assim como os demais bairros da cidade diferem também entre si. Simmel comenta a esse respeito:

O fator, cuja idéia se apresenta imediatamente ao espírito, para compreender essa continuidade dos seres coletivos, é a permanência do solo em que eles vivem. A unidade, não apenas do Estado, mas da cidade e de muitas associações, em princípio, se submete ao território que serve como substrato subsistente a todas as mudanças sofridas pelos integrantes da sociedade. (...), a unidade de que se trata aqui é inteiramente psíquica, e é essa unidade psíquica que verdadeiramente constitui a unidade territorial, e não o contrário, ou seja, derivar-se desta. (SIMMEL, 1983, p. 50-51)

A cidade da qual faz parte o bairro, no entanto, foi construída como um ambiente de difícil expansão para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A Princesa do Norte, como é conhecida Sobral, por ser a cidade mais desenvolvida da zona norte do

² BERGER, Peter. e LUCKMANN, Thomas. “Os Fundamentos do Conhecimento na Vida Cotidiana”. In: *A construção social da realidade*, Petrópolis, Vozes, 1987.

Ceará, foi marcada pelo trabalho de líderes católicos como D. José Tupinambá da Frota (1882–1959), seu maior benfeitor.

D. José foi o primeiro bispo da Diocese de Sobral, em 1916. “Seu dinamismo incomum dotou Sobral e a Diocese de extraordinário desenvolvimento material, social, cultura, moral e religioso”³. Ele iniciou a construção do que hoje é a Santa Casa de Misericórdia de Sobral e fundou as instituições de ensino mais tradicionais da cidade, como o Colégio Diocesano, Patronato Maria Imaculada, Colégio Sobralense, Colégio Santana, o Abrigo Sagrado Coração de Jesus e o Museu Diocesano, com grande acervo de imagens sacras. Fundou também o semanário “Correio da Semana”, que circula desde 1918.

Sobral foi alçada à condição de cidade em 1841. Originou-se da Fazenda Caiçara, à margem direita do Rio Acaraú, a 235 quilômetros da capital cearense. A cidade, com uma área de 2.123 km², contribuiu com o povoamento do sertão nordestino pelo comércio de gado e algodão em sua ferrovia. Hoje conta com indústrias e um sistema educacional formado por diversas escolas e os campi da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Universidade Federal do Ceará (UFC). Esta rede de prestação de serviços beneficia cerca de 52 municípios próximos, além dos 172.685 habitantes de Sobral (IBGE, 2005).

D. José procurou assimilar os valores da civilização européia e dar uma feição romana à arquitetura dos edifícios da cidade. Os casarões e igrejas construídos nos séculos XVIII e XIX formam o Centro Histórico de Sobral, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁴ em 1999. Fazem parte dele o Teatro São João, a Igreja do Menino Deus, a de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora do Patrocínio. O arco do triunfo de Nossa Senhora da Conceição é talvez o símbolo sobralense mais conhecido no Estado.

Neste cenário de forte herança católica, e também de disputa de grupos protestantes, a capela do bairro Sinhá Sabóia torna-se um espaço peculiar de observação de uma prática religiosa diferente das práticas consolidadas na cidade.

³ SILVEIRA, Aureliano Diamantino. *Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará (1700 a 2004)*. Fortaleza: Premius, 2004.

⁴ PAIVA, Olga Gomes de (coord). *Sobral: patrimônio de todos: roteiro para a preservação do Patrimônio Cultural*. Fortaleza: IPHAN, 1999.

1.1. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Um jovem americano filho de agricultores teria tido uma visão há 186 anos que o guiou a restaurar a Igreja de Jesus Cristo na Terra. Das páginas de livros a versos de canções, passando pela boca de todos os fiéis, esta é a origem da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sempre exaltando a importância do jovem em questão, o profeta Joseph Smith.

Ele nasceu em Sharon, condado de Windsor, Vermont, em 23 de dezembro de 1805.⁵ Aos 14 anos, na primavera de 1820, teve a primeira visão, de dois homens resplandecentes de luz, e um afirmou sobre o outro: “Este é meu Filho amado. Ouve-O”. “O Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith” (Princípios do Evangelho, 1990, p. 108), foi a conclusão.

Três anos depois, Smith foi visitado por outro homem, também cercado de luz, que se identificou como Morôni. Disse que Deus tinha uma obra a ser executada por ele; e que seu nome seria considerado bom e mau entre todas as nações, tribos e línguas, ou que entre todos os povos sealaria bem e mal de seu nome.⁶ Esta visita se repetiria por mais quatro anos consecutivos.

Aos 21 anos, Smith recebeu placas de metal de Morôni, com registros de civilizações que haviam vivido muito antes de Cristo. Elas diziam que Jesus havia visitado os povos das Américas após Sua ressurreição e organizado sua Igreja entre eles. Por mais de duzentos anos, esse povo viveu em retidão e estava entre os povos mais felizes que já foram criados por Deus, diziam as placas. Por outro lado, os que conheceram os apóstolos de Cristo teriam se afastado de suas doutrinas, gerando a apostasia, ou afastamento da verdade. Smith traduziu as placas de metal para o inglês, entre 1827 e 1836, e as publicou em Palmyra, Nova York, EUA.

⁵ *BIOGRAFIA de Joseph Smith* – distribuído por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

⁶ Testemunho de Joseph Smith. In: *O Livro de Mórmon: outro testamento de Jesus Cristo*. Publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Salt Lake City, Utah, EUA, 1995.

O registro antigo, assim saído da terra como a voz de um povo falando do pó e traduzido para linguagem moderna pelo dom e poder de Deus, conforme atestado por afirmação divina, foi publicado pela primeira vez, em inglês, em 1830, como THE BOOK OF MORMON. (Testemunho de Joseph Smith em O Livro de Mórmon, p. xii)

Smith iniciou a organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos Últimos Dias em Fayette, Nova York, em 6 de abril de 1830. Os mórmons enfatizam que ele a organizou e não, fundou. O fundador teria sido Jesus Cristo. A propósito, François Houtart, em “Sociologia da Religião”, prefere o termo organização religiosa em vez de instituição. Porque o processo de institucionalização não somente afeta a organização mas também as crenças, as expressões e a ética. “Por esse motivo, nos parece mais correto falar de organização religiosa para denominar o conjunto estruturado de atores que exercem um papel religioso específico, com uma base material e organizativa que permite o funcionamento dos sistemas religiosos” (1994, p. 97.)

Esta Igreja significaria a restauração da Igreja de Jesus sobre a Terra, cujos ensinamentos teriam sido modificados pelos discípulos após sua morte. Joseph Smith começou a difundi-la em povoados vizinhos. A cada chegada, promovia mudanças visíveis no lugar e no pensamento das pessoas e crescia a admiração por sua figura. Ele e os familiares foram perseguidos, segundo um membro de Sobral, “por inveja pelo trabalho que realizavam”, e Smith foi detido em algumas ocasiões. Ele continuou escrevendo revelações divinas e morreu martirizado aos 38 anos, junto com o irmão, em Hyrim, na cadeia de Carthage, Illinois, em 27 de junho de 1844.

Entre fatos comprovados ou não, as orientações escritas por Joseph Smith estão nas mãos dos 12,5 milhões de membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Os SUD (sigla que designa a instituição e seus membros) estão em 170 países, com 122 templos e mais um sem número de capelas. Mais da metade dos membros vive fora dos Estados Unidos.

Mesmo após essa propagação no mundo inteiro, acho importante ressaltar o país onde ela se originou a Igreja, pois no estudo da gênese dos sistemas religiosos devemos nos perguntar em que tipo de sociedades eles nasceram e se desenvolveram.

Os atores religiosos são agentes que produzem, reproduzem e transformam o sistema religioso, mas não atuam de maneira totalmente autônoma, sendo condicionados por seu vínculo grupal, por sua posição de classe e pelo tipo de sociedade (modo de produção) na qual vivem. (HOUTART, 1994, p. 98)

1.2. Os livros sagrados

Os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias chamam os livros canônicos, ou seja, reconhecidos como sagrados, de obras-padrão. Elas são a “Bíblia Sagrada”, o “Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo”, e mais duas obras escritas por Joseph Smith e alguns sucessores, o “Doutrina & Convênios” e “Pérola de Grande Valor”.

A Bíblia é a tradução de João Ferreira de Almeida, com sete livros a menos, no Antigo Testamento, que a versão adotada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Ela é a mesma adotada pelas igrejas protestantes, com 39 livros no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento.

Já o Livro de Mórmon foi escrito por muitos profetas antigos, entre os anos 600 a.C. e 421 d. C. “Suas palavras, escritas em placas de ouro, foram citadas e resumidas por um profeta historiador chamado Mórmon”, diz o livro. São registros das civilizações nefita e lamanita, vindas de Jerusalém, em 600 a.C., e Jaredita, que teria surgido “quando o Senhor confundiu as línguas na Torre de Babel. Os lamanitas são os principais antepassados dos índios americanos”.

Mórmon entregou seus escritos ao filho Morôni, e este em 1823, muitos anos depois de sua morte, “então um ser ressurreto e glorificado, apareceu ao Profeta Joseph Smith e instruiu-o a respeito do antigo registro e da tradução que seria feita para o inglês”. Não há provas concretas da existência das placas. Elas teriam sido reclamadas por Morôni, que as teve de volta.

Os nomes e a ordem dos livros do Livro de Mórmon

(abreviaturas)

Primeiro Livro de Néfi.....	1 Né.
Segundo Livro de Néfi.....	2 Né.
Livro de Jacó.....	Jacó
Livro de Enos.....	En.
Livro de Jarom.....	Jar.
Livro de Ômni.....	Ômni
As Palavras de Mórmon.....	Pal. Mórmon.
Livro de Mosias.....	Mos.
Livro de Alma.....	Al.
Livro de Helamã.....	Hel.
Terceiro Néfi.....	3 Né.
Quarto Néfi.....	4 Né.
Livro de Mórmon.....	Mórmon.
Livro de Éter.....	Ét.
Livro de Morôni.....	Morô.
*Somam 620 páginas, além do Guia para Estudo das Escrituras (lista dos verbetes em ordem alfabética)	

O Doutrina & Convênios “é uma coletânea de revelações divinas e declarações inspiradas para o nosso tempo”. Ele difere do Livro de Mórmon por ser singular, e não uma tradução de registros antigos. Suas revelações instruem para a preparação do caminho para a segunda vinda de Cristo. Divide-se em Declaração Oficial 1 (DO – 1) e Declaração Oficial 2 (DO – 2).

Já o Pérola de Grande Valor foi lançado em 1851, em inglês. É publicado desde 1902 com os seguintes capítulos, feitos por Joseph Smith: Moisés (trechos da tradução do livro de Gênesis); Abraão (tradução de alguns papiros egípcios obtidos em 1835); Joseph Smith – Mateus (tradução do capítulo 24 do Evangelho segundo Mateus, sobre a predição da ruína de Jerusalém); Joseph Smith – História (a história da Igreja, escrito em 1838); e Regras de Fé, que são 13 declarações da crença e doutrina dos SUD.

Há várias outras publicações periódicas, como a revista mensal “A Liahona”, o livro de Hinos, “Guia de Estudo do Aluno”, guias para professores, o manual “Princípios do Evangelho”, e livros com discursos dos dirigentes. A Igreja trabalha ativamente com 104 idiomas, tendo 77 deles uma versão completa da tradução do Livro de Mórmon⁷. Todo o material é financiado por um fundo de Educação mantido pelo dízimo dos SUD, numa rede de distribuição que chega inclusive até Sobral.

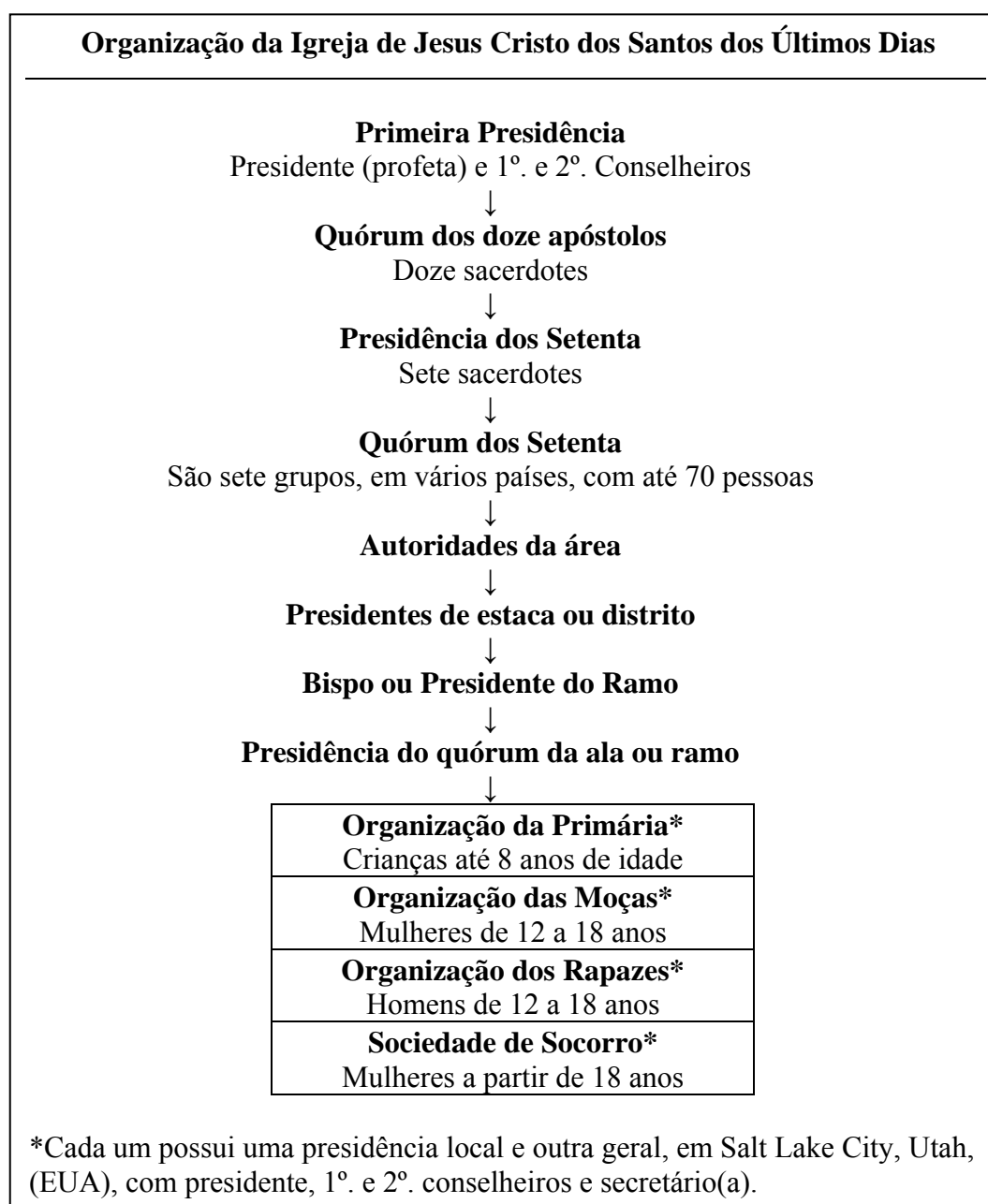
1.3. Organização

O manual “Princípios do Evangelho” ensina que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possui todos os ofícios e funções da Igreja nos tempos de Jesus. É uma intrincada rede de lideranças, algumas com representantes apenas a nível mundial. A lista é encabeçada por um presidente, que é também aclamado como profeta. Suas palavras são respeitadas como vindas diretamente da boca de Deus e ele pode predizer o futuro. Eles são escolhidos por oração e, ao assumirem o cargo, dirigem a organização até a morte. Até agora, sucederam-se os seguintes presidentes-gerais, todos estadunidenses:

1) Joseph Smith Jr. (presidiu de 1830–1844)
2) Brigham Young (1847–1877)
3) John Taylor (1880–1887)
4) Wilford Woodruff (1887–1898)
5) Lorenzo Snow (1898–1901)
6) Joseph F. Smith (1901–1918)
7) Heber J. Grant (1918–1945)
8) George Albert Smith (1945–1951)
9) David O. McKay (1951–1970)
10) Joseph Fielding Smith (1970–1972)
11) Harold B. Lee (1972–1973)
12) Spencer W. Kimball (1973–1985)
13) Ezra Taft Benson (1985–1994)
14) Howard W. Hunter (1994–1995)
15) Gordon Bitner Hinckley (presidente desde 1995)

⁷ SEYMOUR, Nicole. “Divisão de Tradução usa o Espírito para captar o significado no trabalho”. *A Liahona* - Publicação oficial em português d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Vol. 59 No. 3, Março/ 2006, p. N5 – N7.

O atual profeta, Gordon B. Hinckley, tem 96 anos de idade. A maturidade é um aspecto exaltado nos escolhidos ao cargo, visto que quase todos assumiram a chefia quando estavam na terceira idade. Hinckley se destaca pelos discursos onde relembra sua vida de maneira terna, citando poemas e lembranças de quando ocupava outros cargos na Igreja. Sua presença é muito aguardada e festejada nas Conferências Gerais Anuais.



1.4. Deveres dos mórmons

Os membros da Igreja podem atuar na organização citada após assumir cargos de autoridade e seus respectivos deveres. Muitos ofícios se destinam exclusivamente aos homens, mas, de modo geral, a vida dos SUD é bem marcada por ordenanças, ou cerimônias sagradas, e escala crescente de obrigações nas reuniões.

Ao atingir os oito anos de idade, a criança, nascida ou não em família mórmon, pode se batizar. Eles consideram esta a idade da razão, quando já podemos discernir entre o bem e o mal. O corpo todo, vestido de branco, deve ser imerso por alguém com autoridade para realizar o batismo. No caso, alguém que tenha recebido o Sacerdócio de Aarão (personagem bíblico do Antigo Testamento).

Os homens, aos doze anos, podem receber o primeiro ofício do Sacerdócio Aarônico e tornarem-se diáconos. Passam a servir como recepcionistas, ajudar na conservação das áreas da Igreja e passar os sacramentos aos membros, como por exemplo, as mulheres, que a esta altura, apenas participam da Sociedade das Moças e podem ocupar-se com ensaio de hinos para as reuniões.

Aos catorze anos passam a mestres, que são geralmente encarregados de visitar os membros e preparar o pão e a água para os serviços sacramentais. Pouco depois, aos 16 anos, tornam-se sacerdotes e podem batizar, administrar os sacramentos e ordenar outros sacerdotes, mestres e diáconos. “Os homens usam a autoridade do sacerdócio para presidir na Terra em chamados como presidente de ramo, bispo, presidente de quórum e líder de estaca e missão. As mulheres que possuem posições na Igreja, como oficiais e professoras, trabalham sob a direção do sacerdócio” (Princípios do Evangelho, p. 83).

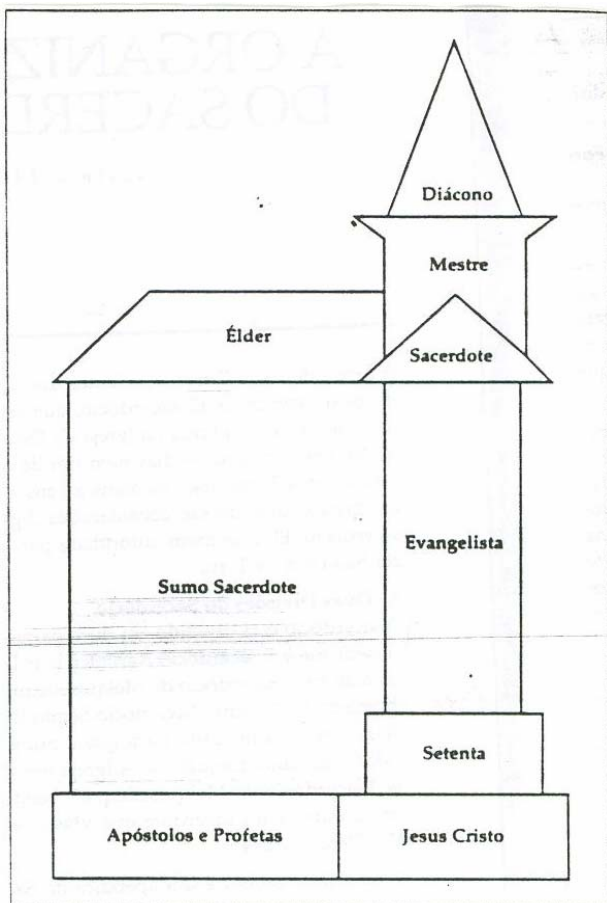
A partir dos dezenove anos, os homens podem tornar-se missionários em tempo integral. Eles passam a ser chamados de élderes, palavra que em inglês significa “ancião”, e se dedicam exclusivamente à adesão das pessoas às doutrinas mórmons. Por dois anos, eles permanecem a serviço da Igreja e são enviados a qualquer lugar do mundo onde há uma capela ou templo dos SUD para evangelizar em parceria com um colega do mesmo sexo.

As mulheres também podem ser missionárias, a partir dos 21 anos, por 1 ano e meio. A vantagem para elas estaria aí. As *sisters* podem exercer a missão infinitas vezes. Já

os homens, apenas uma vez, até os 26 anos. Nesse período são mantidos por suas famílias, com o auxílio da Igreja, recurso proveniente do dízimo pago pelos fiéis.

Os homens podem ainda receber o sacerdócio de Melquisedeque (outro personagem do Antigo Testamento) e assumir os seguintes ofícios (em ordem crescente de autoridade): élder, sumo sacerdote, patriarca, setenta e apóstolo. Eles podem dirigir as reuniões da igreja, atuar como presidentes de estaca, de missão, sumos conselheiros e bispos, e, por fim, administrar os negócios da Igreja a nível mundial.

As mulheres e os homens têm os papéis igualados no casamento, que vai além do conhecido “até que a morte os separe”. Se realizado no templo, os cônjuges selam o compromisso para a eternidade e ainda alcançam com isso o grau mais elevado quando chegarem à glória celestial, tamanha a importância deste tipo de sacerdócio. “Como Santos dos Últimos Dias, vivemos para a eternidade e não para o momento (Princípios do Evangelho, p. 243)”.



Mas para realizar o casamento eterno no templo, os noivos passam por uma sabatina para provarem que são dignos da ordenança. A entrevista inclui aspectos exigidos na conduta de quem deseja se batizar. Prática de aborto, assassinato ou quebra da lei de castidade são quesitos eliminatórios. A lei da castidade consiste em ter relações sexuais só após o casamento e com o próprio cônjuge. Relações homossexuais são abominadas. Se estiverem em algumas destas situações, os candidatos ao batismo ou ao casamento no templo entram num processo de conversão para atingirem a dignidade exigida. E quando forem pais, devem passar os mesmos ideais aos filhos.

Ilustração 1- Outra visualização da organização da Igreja

Os SUD devem manter-se longe do consumo de álcool, café, chá, fumo e drogas ilegais. “Hoje em dia, a comunidade científica promove alguns dos mesmos princípios que um Pai que nos ama deu a Joseph Smith há dois séculos.”⁸ Os membros também participam de atividades que identificam antepassados que não tenham se batizado e realizam ordenanças para eles nos templos, alimentando também os registros de Grupo Familiar, uma rede articulada de informações sobre a árvore genealógica dos fiéis no mundo todo.

1.5. Chegada ao Brasil

Os primeiros mórmons chegaram ao Brasil nos anos 30. Iniciaram a evangelização numa colônia agrícola alemã em Ipoméia, Santa Catarina, com o auxílio de livros sobre a Igreja, vindos de Salt Lake City. A primeira missão brasileira, a Missão São Paulo- Brasil, foi criada em 1935 mas interrompida com o início da Segunda Guerra Mundial.

A partir de 1948 os missionários fixaram os esforços aqui e já construíram mais de 650 capelas, em todos os estados, e templos em São Paulo (SP), Recife (PE), Campinas (SP), Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR). A estimativa é de 600 mil membros no Brasil⁹. Para efeito administrativo, o país está dividido em Área Brasil Norte, com sede no templo em Recife (PE), e Área Brasil Sul (com sede num escritório da Igreja em São Paulo).

Os mórmons chegaram em Sobral por volta de 1983 e construíram duas capelas, uma próxima ao Mercado Público e outra no bairro do Junco. Há cerca de 20 anos os primeiros élderes chegaram ao distante e populoso Sinhá Sabóia. Em 2005 foi inaugurada a capela da Igreja no bairro, designada de ramo Sobral 2.

Mas o espaço que a referida Igreja ocupa no bairro, e que permite afirmar que ela cresceu durante os cinco meses de investigação, ultrapassa as salas e o salão da capela e torna-se social. Observo que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos ocupa um espaço crescente no conjunto das instituições e organizações produtoras de sentido para os

⁸ Página oficial na Internet - *Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints*. Disponível no site: www.lds.org. Acesso em 5.fev.2006.

⁹ Idem.

moradores do bairro Sinhá Sabóia que participam dela, ultrapassando as fronteiras da salvação individual e tocando aspectos coletivos da vida humana.

Trata-se de um prolongamento ético das atitudes religiosas, ou de produzir um sentido que não apenas diga respeito ao problema da salvação individual, mas também à maneira pela qual os homens vivem em sociedade. (...) Todos esses elementos fazem parte do conceito de espaço social (HOUTART, 1994, p. 115).

Capítulo 2

A capela no bairro Sinhá Sabóia

A canção do livro de hinos saúda: sê bem-vindo, dia santo. O domingo dedicado ao descanso lembra às pessoas a necessidade de alimento espiritual e o dever de obedecer a Deus, ensina o Livro de Mórmon. “Quando uma nação se descuida da observância do dia de descanso, todos os aspectos de sua vida são afetados e sua vida religiosa decai”. Isto porque o dia inclui também a ida à capela para participar da Escola Dominical.

Neste encontro, os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias estudam as doutrinas e livros sagrados, refazendo suas concepções de mundo e assimilando a cultura mórmon. Entendo, como Geertz, que o termo cultura “denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes em relação à vida”. Trata-se aqui, portanto, de uma “sub-cultura”, ou seja, do modo próprio de significar a sociedade e as relações sociais construído nos espaços de sociabilidade instituídos pelo grupo.

Se o homem é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele mesmo, os mórmons, bem-vestidos e munidos das obras-padrão da Igreja, participam das atividades na capela do bairro Sinhá Sabóia para conhecer as concepções de mundo características da religião que abraçaram. É o momento de buscar as diretrizes que legitimam suas posturas, ou novas posturas, no caso dos convertidos. A religião assume aí o sentido de:

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de faturalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p. 67)

Os participantes da Escola Dominical buscam, então, a ligação entre a realidade construída particularmente (humana) e a realidade universal e sagrada. Segundo Berger, a instituição religiosa legitima essa relação. Além da oportunidade de prosseguir com essa legitimação, fixando as doutrinas e conhecendo os textos considerados sagrados, a ida à capela pode representar o cumprimento de um dever ou um encontro semanal com amigos, pois “sempre é o grupo quem dá sentido à prática simbólica”, afirma Houtart (1994, p. 73).

O cenário do encontro é uma capela inaugurada em 31 de maio de 2005, construída com recursos do dízimo de fiéis do mundo inteiro. As reuniões que desde os anos 80 eram realizadas no bairro em locais alugados fixaram-se na capela. Ela ocupa uma ampla área com salas para reuniões, batismo, copa, armários, cozinha, banheiros, fraldários e salas com material para estudo, além de jardim e estacionamento.

As construções da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são obras projetadas especificamente para as funções que vão exercer¹⁰, funcionando como sede administrativa e como templo. Elas seguem o Plano Padrão Mundial, estabelecido pela Igreja em 2002, com diretrizes visando um modelo geral de capelas para atender às necessidades de áreas rurais, suburbanas e urbanas. “O programa estabelece uma aparência uniforme para a Igreja e uma maneira de as capelas serem construídas com mais eficácia e economia. (...) Frequentemente, as áreas adaptam a aparência do edifício para combinar com os arredores ou para estabelecer certa imagem.”¹¹ A capela no Sinhá Sabóia tem as paredes pintadas em tons claros, com janelas de vidro, ares de aconchego e um certo conforto.

Os portões são abertos cedo, bem antes da reunião que se inicia às 9 horas da manhã. Na torre, logo abaixo do nome da Igreja, lê-se em grandes letras: “Visitantes são bem-vindos”. Os membros devem ir com toda a família e levar os livros sagrados. Os que têm todos (Bíblia, Livro de Mórmon, Doutrina & Convênios, Pérola de Grande Valor e

¹⁰ FELZEMBURGH, M.; GOMES, G.; FIALHO, E. Novas Igrejas Protestantes: um programa arquitetônico? *Arquitextos* - Texto Especial 193, agosto 2003. Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Disponível em www.arquitextos.com.br. Acesso em jan. 2006.

¹¹ SEYMOUR, Nicole. “Capelas Padronizadas: mais membros passam a ter um local para adoração”. *Liahona* - Publicação oficial em português d’A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Vol. 59 No. 4, Abril/ 2006, p. N4 – N6.

Hinos) levam bolsas. Algumas pessoas, no entanto, não levam nada; terão acesso aos livros durante a reunião.

As saudações com apertos de mãos começam antes de chegar às salas-de-aula. Os élderes, principalmente, recebem todos com entusiasmo; inclusive os visitantes. O público se dirige diretamente às salas, ao avistar os discursantes. “Irmanados e contentes, poderemos nos juntar. E humildes, reverentes, a verdade desfrutar. Na escola, aprendizes dedicados vamos ser. Pra que sempre bem felizes, possa Deus nos acolher” (Sê bem-vindo, dia santo - Hinos, 1990).

O aprendizado será guiado pelas crenças básicas, resumidas pelo primeiro presidente, Joseph Smith, em 13 pontos. Eles são conhecidos como as “Regras de Fé d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”. Incluem a crença em Deus, o Pai Eterno, em Seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo; no sacrifício de Cristo por toda a humanidade, que pode ser salva pela obediência às leis do Evangelho; e na crença em “ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens”¹². O sucesso do aprendizado se dará, segundo Berger, quando o membro da Igreja considerar estas crenças suas, apreendendo estes “elementos do mundo objetivado como fenômenos internos de sua consciência”.

O indivíduo não só aprende os sentidos objetivados como se identifica com eles e é modelado por eles. Atrai-os a si e fá-los seus sentidos. Torna-se não só alguém que possui esses sentidos, mas alguém que os representa e exprime. (BERGER, 1985, p. 28)

Nos encontros dominicais da capela no Sinhá Sabóia conheci as pessoas que me permitiram aprofundar o conhecimento da cultura religiosa dos mórmons. Um jovem casal, algumas pessoas recém-batizadas e élderes (missionários da Igreja) atuantes no Sinhá

¹² Página oficial em português da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disponível no site: www.mormon.org.br. Acesso em 10.fév.2006.

Sabóia na época em que a pesquisa foi realizada aparecem aqui em contribuições pessoais¹³.

Houtart (1994) afirma que a maioria dos estudiosos da ética que possuem uma origem religiosa fica ao nível das relações interpessoais. “Isso demonstra que a visão que possuem da sociedade é a de uma soma de indivíduos, e não de relações sociais que produzem a estrutura social”. Trata-se na verdade da ética interpessoal. No caso, estas pessoas apresentaram, além de suas posturas particularmente delineadas, sua identidade como mórmons, representando claramente os grupos em que se enquadram na Igreja. Essa identidade continua em permanente construção particular, ainda que bastante influenciada pela Igreja e os membros com que convivem dentro e fora da capela.

2.1. A Escola Dominical: dinâmicas da conversão

O encontro dominical dos SUD é dividido em três reuniões. As duas primeiras são aulas em grupos separados por idade e gênero. “A reprodução de representações com sentido religioso não apenas exige agentes específicos, mas também instituições” (Houtart, 1994, p. 99). Neste caso, elas são a Organização da Primária, Organização das Moças, Organização dos Rapazes e Sociedade de Socorro.

A participação no acervo social do conhecimento permite a “localização” dos indivíduos na sociedade e o “manejo” deles de maneira apropriada¹⁴. Seguindo a praxe para minha faixa etária, inseri-me no grupo destinado às mulheres acima de 18 anos.

Um cartaz na parede indica o lema da Sociedade de Socorro: a caridade nunca falha. A aula do dia é igual em todas as capelas do mundo, mas neste grupo a formação enfoca as obrigações de mães e esposas. Acostumei-me a sempre desviar de algum carrinho de bebê ao entrar na sala, ou observar se não havia alguma criança brincando no chão, enquanto eu afastava uma cadeira. Muitas mulheres presentes são casadas e permanecem com suas

¹³ Alguns entrevistados autorizaram a publicação de seus nomes neste trabalho. Como não foi possível a consulta a todos os que foram citados, alguns aparecerão com nomes fictícios.

¹⁴ BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”. In: *A construção social da realidade*, Petrópolis: Vozes, 1987.

crianças de colo na sala. Patrícia Nascimento, minha guia durante os encontros, tem 22 anos de idade e estava casada há dois meses.

O tema daquele segundo domingo de 2006, primeiro encontro do novo ano, foi “Irmandade: uma força a ser compartilhada”. A discursante da aula lê parte de um livro que conta como é a Sociedade de Socorro em outros países. As mulheres, caprichosamente arrumadas com brincos e maquiagem, acompanham o texto pelo material vindo anualmente da sede mundial para formação dos membros. Entre eles estão a revista “A Liahona”, o manual “Princípios do Evangelho” e livros com discursos de ex-presidentes da Igreja. Junto ao quadro branco, há gravuras de Jesus e cenas de passagens da Bíblia Sagrada.

“Esta reunião dura cerca de 40 minutos e ensina as mulheres a serem boas esposas, a cuidar dos filhos...”, explica Patrícia. Os folhetos da Igreja ensinam que o marido e a mulher têm obrigações diferentes, e a líder da Sociedade de Socorro complementa as lições com raciocínios próprios. “Os chamados aqui na Terra são só aqui. Os da família vão até a outra vida. O marido e a mulher têm obrigações diferentes mas têm que se ajudar mutuamente para resolver os problemas da família. Devem sempre ensinar o evangelho aos filhos e caminhar lado a lado, pois têm a mesma importância”. Tudo é ouvido com atenção e quase não há intervenções; mesmo assim a discursante convida algumas das presentes a incluir comentários. Elas o fazem com pequenas frases de confirmação do que estão ouvindo.

As orientações parecem condutas naturais das mulheres presentes. “Não basta que o indivíduo considere os sentidos-chave da ordem social como úteis, desejáveis ou corretos. É muito melhor (melhor, isto é, em termos de estabilidade social) que ele os considere como inevitáveis, como parte e parcela da universal “natureza das coisas”(Berger).

O esposo da minha amiga Patrícia, João Paulo Nascimento, no momento está em outra reunião. É o Quorum de Élderes, para homens acima de 18 anos. A sala mais barulhenta é a da Primária, onde ficam as crianças entre 1 ano e meio e 8 anos de idade. No “segundo tempo”, elas são divididas entre o berçário, até 3 anos, e o “Conserva tua rota”, para crianças de 4 a 8 anos. Ali “aprendem a discernir entre o certo e o errado”, explica Patrícia, ensinados por mórmons adultos. De 8 a 12 anos, os adolescentes são chamados de valorosos; e dos 12 aos 18 voltam a dividir-se entre Moças e Rapazes.

Às 10 horas começa a segunda aula do dia e meu casal de amigos se une no grupo dos casados. Antes, enquanto passávamos pelo corredor das salas-de-aula, conheci o presidente da capela. “Seja bem-vinda”, afirmou simpaticamente. Depois de lhe contar a pesquisa que pretendia fazer, ele esboçou expressão de desentendimento mas, com um pouco de explicação, onde afirmei que apenas gostaria de participar dos encontros e conviver com as pessoas, sem julgar as doutrinas da Igreja, ele deu a sentença: “Fique à vontade”.

Na reunião dos casados, um senhor lê e comenta a mensagem de um profeta, mesmo com um pouco de dificuldade para pronunciar corretamente os nomes típicos da Língua Inglesa, como Taylor e Joseph. “Não sei pronunciar os nomes”, ele disse, mas continuou explicando a história. As pessoas escutam atentamente, mesmo com o barulho de um ou outro carro que passa na rua, vista pela janela aberta.

Esposo e esposa sentam-se lado a lado. Noto que as mulheres presentes usam saias e blusas sem mangas, mas sem decotes, e saias com comprimento um pouco acima dos joelhos. Já os homens vestem-se da mesma forma: calça preta ou azul, blusa branca e gravata. “É o padrão da Igreja”, sussurra Patrícia em resposta ao meu porquê. É comum às práticas religiosas utilizarem elementos da vida cotidiana com outro sentido ou um sentido adicional, diz Houtart (1994), que também previu que a institucionalização pode fazer uma prática cair no formalismo. Por que é o padrão da Igreja, muitos apenas se igualam ao grupo que vai formalmente vestido à capela, sem conhecer seu significado. A importância da prática, então, remete mais à sensação de pertença ao grupo. Uma característica individual, como o vestir, é mais uma forma de reconhecer-se como membro daquela sociedade e de representar a aceitação da Igreja pelos fiéis. “(..), a cada adorno que alguém use para os demais, o mesmo grupo vai-se tornando cada vez mais sociedade do que antes”, comenta Simmel¹⁵ a esse respeito.

¹⁵ SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de (org). *Georg Simmel: sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

2.1.1. A atenção aos recém-batizados

Na segunda aula da manhã também ocorre, em uma sala distinta, a reunião para novos membros. É uma formação voltada para pessoas batizadas há menos de um ano. As aulas seguem as lições do manual “Princípios do Evangelho”, que conta a história da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e seus preceitos, enfatizando o “Evangelho de Cristo restaurado por Joseph Smith”.

A linguagem utilizada pelo discursante, que em alguns momentos se intitulou de professor, é bem simples. A ele cabe passar os princípios da linguagem formal das obras-padrão para pessoas ainda não familiarizadas com elas. O professor recorre a exemplos do dia-a-dia e vai aos poucos acrescentando os fatos registrados no Livro de Mórmon, indo dos conceitos às práticas diárias. O método é aprovado por Houtart: “A lógica institucional consiste em preservar a unanimidade(...), todos numa mesma instituição. Por isso deve utilizar uma linguagem que possa satisfazer a todos, e a única linguagem que pode fazê-lo é uma linguagem abstrata” (1994, p. 112).

Os recém-batizados, no decorrer do programa do manual, compreendem cada vez mais a organização e se aproximam da visão de mundo dos demais membros. O indivíduo que deseja se converter e (o que é mais importante) “ficar convertido”, deve planejar sua vida social de acordo com o seu objetivo. “Precisa, assim, desligar-se daqueles indivíduos ou grupos que constituíam a estrutura de plausibilidade da sua antiga realidade religiosa, e associar-se àqueles que servem para manter a sua nova realidade religiosa” (Berger, 1985). No caso dos mórmons, isso aponta a necessidade de uma nova postura diante das pessoas e circunstâncias, para chegar à retidão pregada pelas Regras de Fé da Igreja. Alguns lugares e ocasiões, como bares, trabalho no domingo, rodas de conversa ou festas com temáticas desrespeitosas, não são mais adequados aos que agora fazem parte da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Existem transformações sociais e culturais que não permitem continuar a reprodução de certas representações ou expressões religiosas quando as crenças ou as referências religiosas do passado deixam de se relacionar com a realidade do presente, ou quando se

agudiza uma contradição entre representações que eram significantes em um certo tipo de sociedade e que deixam de sê-lo em outro. (HOUTART, 1994, p. 100)

Patrícia ilustra esta tese. Ela batizou-se aos 8 anos e, depois de ter passado um período da adolescência afastada da Igreja, voltou a freqüentá-la e mudou um pouco o relacionamento com os amigos. “Não perdi o contato; perdi afinidades”, conta. Mudaram os interesses que eram comuns mas as amizades continuaram. “Afiml, somos irmãos independente disso. Temos um relacionamento independente da Igreja. Como sabemos que temos que nos tornar pessoas melhores, temos que mostrar isso”, ressalta.

É o preço pago pela adesão a uma determinada estrutura de vida socialmente determinada. Como tributo pelos benefícios e “segurança” decorrentes desta nossa adesão, abrimos mão da liberdade para percebermos a realidade tal como esta realmente é ou apresenta-se diante de nós, mas passando a percebê-la e interpretá-la através dos parâmetros designados pelo contexto social no qual vivemos¹⁶.

Mas o amadurecimento nos ideais mórmons proporciona a crescente integração com os freqüentadores da capela, já que visitantes e recém-convertidos são muito bem acolhidos pelos membros veteranos. Talvez os cumprimentos não sejam tão calorosos quanto os dos amigos de muitos meses, mas há uma motivação para que se aprofundem nas leituras e firmem-se na fé, mesmo nas conversas sobre assuntos cotidianos da semana no corredor, o local mais movimentado no intervalo entre as aulas e onde ocorre uma interação natural e descontraída.

Visto que na pureza de suas manifestações a sociabilidade não tem propósitos objetivos nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável. E, quando muito, da lembrança dele. Em consequência disso, as condições e os resultados do processo de sociabilidade são exclusivamente as pessoas que se encontram numa reunião social. Seu caráter é determinado por

¹⁶ LAGO, João Baptista Soares de Faria. “Um “Pecado” da Psicologia”. In: *Ensaio de religião e psicologia*. São Paulo: Plêiade, 2001.

qualidades pessoais tais como amabilidade, refinamento, cordialidade e muitas outras fontes de atração.(SIMMEL, 1983, p. 170)

Em determinada aula, cujo tema era “Batismo”, o discursante pediu aos presentes que citassem cinco motivos pelos quais haviam decidido batizar-se na Igreja. Elano¹⁷ respondeu que “queria integrar uma religião”; uma moça, por “arrependimento”; uma senhora, “por uma nova vida”; o marido dela, “obediência”; e um senhor de idade um pouco mais avançada do que a maioria, respondeu que “queria servir”. O presidente registra as participações no quadro negro e completa, apontando para cada membro que havia respondido: “E pelo batismo surge um novo Elano, um novo Duarte, a nova Evanice, o novo Expedito, o novo Evandir...” Chamou-me a atenção o fato de chamar pelo nome praticamente todos os presentes, que eram cerca de quinze pessoas.

O trato dos homens uns com os outros mantém externamente a realidade de um mundo socialmente definido, no caso a comunidade mórmon no bairro. Já a manutenção interna da nova realidade em que estão vivendo depende da maneira pela qual o indivíduo apreende o mundo no íntimo de sua própria consciência. A proximidade com os líderes da área ou membros experientes nos ensinamentos da Igreja favorece a inserção dos recém-convertidos e legitima seus novos comportamentos.

A realidade subjetiva do mundo depende do ténue fio da conversação. A razão de muitos de nós não termos consciência dessa precariedade, a maior parte do tempo, está na continuidade de nossa conversação com os interlocutores importantes. A manutenção dessa continuidade é um dos mais importantes imperativos da ordem social.(BERGER, 1985, p. 30)

2.2. Necessidade de legitimação entre os mórmons

Em mais uma reunião dos novos membros, o professor pede para abrimos o manual “Princípios do Evangelho”. O capítulo do dia fala sobre a apostasia, o “afastamento

¹⁷ Nome fictício. Nenhum dos convidados a dar entrevista se opôs a participar da pesquisa, mas eles não foram consultados sobre a publicação de seus nomes.

geral da verdade”. O discursante reproduz, com fidelidade, a aparição de Deus e Jesus a Joseph Smith descrita no Livro de Mórmon. O organizador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, conta o professor, inspirou-se numa passagem bíblica que diz: “Se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus – que a todos dá liberalmente, com simplicidade e sem recriminação – e ser-lhe-à dada”¹⁸.

“Deus só chama um profeta de cada vez”, afirma seguramente o professor. O jovem recém-batizado Elano, com jeito simples e voz baixa, indaga: “Se Deus chamasse cinco pessoas e as cinco orassem, todas não receberiam a sabedoria? Por que só Joseph Smith recebeu a inspiração de fundar a Igreja e outras pessoas, não?”. Segue-se um incômodo momento de silêncio.

Quatro pessoas apressam-se em responder a Elano, tirando livros de suas bolsas e citando trechos sagrados que atestam a originalidade da inspiração de Smith e da Igreja. As vozes do professor, de um élder e de um casal de membros veteranos se misturam numa alvoroçada exposição de idéias. Depois de alguns minutos de discussão, volta o silêncio. “Esclareceu?”, pergunta o professor. “Um pouco”, é a resposta do rapaz.

Quando a contradição não pode se resolver no campo do real, procura-se uma solução no campo simbólico. Uma contradição não pode ficar sem ser resolvida: esta é uma lei fundamental no pensamento e na atuação humanos. O mais importante é que não se trata meramente de uma resposta a uma necessidade intelectual, mas sim de uma necessidade de controle da natureza.(HOUTART, 1994, p. 40)

Elano tem 26 anos e participa dos encontros dominicais há 2 meses. Foi convidado por um casal de amigos para conhecer a capela do bairro do Junco, mas como sempre morou no Sinhá Sabóia, passou a freqüentar o ramo Sobral 2, junto com o sobrinho, de cerca de 10 anos. Os dois haviam sido batizados no dia anterior à discussão.

¹⁸ Epístola do apóstolo Tiago, no Novo Testamento (Tiago 1,5).

Conforme Berger e Luckmann, “enquanto meu conhecimento funciona satisfatoriamente, em geral estou disposto a suspender qualquer dúvida a respeito dele”. E sua validade é suposta certa por mim e pelos outros até surgir um problema que não pode ser resolvido nos termos por ela oferecidos. A dúvida de Elano incitou a desconfiança, talvez também dos outros novos membros, que já haviam aceitado a afirmação do professor.

A pressa dos membros veteranos em afastar a atormentadora sombra da dúvida é justificada porque a validade da ordem social precisa ser explicada, tanto por causa dos desafiantes como por causa dos que enfrentam o desafio. Foi um exercício de convencimento de todos os presentes à aula, provocado por Elano, que exerce aí o papel ativo que lhe cabe na construção da identidade religiosa adquirida há pouco, conferindo ou não autoridade aos seus formadores.

O indivíduo não é modelado como uma coisa passiva, inerte. Ao contrário, ele é formado no curso de uma prolongada conversação (...) em que ele é participante. Ou seja, o mundo social (com suas instituições, papéis e identidades apropriados) não é passivamente absorvido pelo indivíduo, e sim apropriado ativamente por ele. (...) Por pequeno que seja o seu poder de mudar as definições sociais da realidade, ele deve ao menos continuar a dar a sua aquiescência aos que o formam como pessoa.(BERGER, 1985, p. 31)

2.3. O trabalho missionário

A tarefa de levar a mensagem da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aos que não são membros cabe aos missionários. Os élderes são jovens SUD a serviço do aumento do número de fiéis e somam 52 mil rapazes e moças¹⁹, dedicados exclusivamente à obra missionária por um período de dois anos. A partir dos 19 anos (no caso dos homens)

¹⁹ Relatório do Departamento de Auditoria da Igreja 2005. Discursos da 176ª. Conferência Geral Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disponível no site: www.lds.org.br. Acesso em abril.2006.

e 21 anos (para as mulheres), os membros são incentivados a realizar missão em algum dos 170 países onde os mórmons estão presentes. “De um a outro pólo / da China ao Panamá/ Do africano solo até o Canadá / Por muitas longínquas terras nós vamos sem temor/ por vales e por serras, pregando o Salvador” (Livro de Hinos, p. 168 - “De um a outro pólo”).

Os élderes atuam como peças fundamentais na expansão das capelas, alas e estacas da Igreja. Durante todo o dia, eles mantêm contato com a maior quantidade possível de pessoas, apresentando-lhes a Igreja e o Livro de Mórmon. Andam em duplas e quase sempre a pé, pois sua responsabilidade se restringe à abrangência da capela, ou seja, um bairro ou cidade pequena. Exploram diariamente um eficaz artifício: “a conversação, o veículo mais genérico para tudo aquilo que os homens têm em comum” (Simmel).

Conversando, os élderes aproximam-se das pessoas, em qualquer condição em que se encontrem, cumprindo a tarefa que lhes foi incumbida, não importando o lugar para onde foram enviados. São servos, com seus nomes e características pessoais um pouco ocultos pela roupa-padrão dos SUD (calça escura, camisa branca e gravata) e uma plaqueta que os identifica apenas pelo título “Élder” e o sobrenome.

*Povos da Terra, vinde escutai! Os mensageiros de nosso Pai.
Anjos de glória cantam refrão: “Eis a Restauração!”
A verdade clara como a luz, do Evangelho pleno de Jesus,
Hoje é pregada para milhões em todas as nações!
(...) Fomos chamados pelo Senhor para servir no grande labor.
Proclamaremos com decisão novas de salvação!” (Hinos,1990, p. 168)*

Independentemente da origem do missionário, a pregação do “Evangelho restaurado” deve ser feita da mesma forma em todos os países, utilizando para isso as obras-padrão (principalmente o Livro de Mórmon) traduzidas do inglês para diversas línguas. A Igreja viabiliza a viagem e o ensino de idiomas aos que assumem missão em lugares fora de sua terra-natal. Para os que chegam ao Brasil, ela reserva dois meses de aulas de Português no Centro de Treinamento Missionário (CTM) na cidade de São Paulo

(SP). Ainda assim, os estrangeiros sentem dificuldades de compreensão da língua e dos costumes quando iniciam o trabalho de campo.

Sobre a dificuldade de adaptar-se à cultura de outro país, Geertz cita a possibilidade de um ser humano ser um enigma completo para outro ser humano. Quando alguém chega a um país estranho, com tradições inteiramente distintas das que conhece, ou às vezes nem tão estranhas, não entende a cultura do lugar. Mesmo que entenda o que as pessoas falam entre si, não compreenderá o povo. Os estrangeiros precisam adaptar-se, ou, pelo menos, conhecer a cultura do lugar da missão.

Cinco élderes atuaram no Sinhá Sabóia durante a realização desta pesquisa; destes, dois eram estrangeiros. A primeira dupla entrevistada havia percorrido caminhos distintos até abraçar a missão. Élder Woodmansee, responsável pelo local durante os meses em que visitei o ramo Sobral 2, integrava com orgulho a mesma obra missionária em que seu pai havia servido há 40 anos. Nascido em Salt Lake City, Utah (EUA), ele cresceu numa família mórmon, como tantas na cidade que é o “quartel general internacional da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”, como nomeia o site oficial. A decisão e preparação do rapaz para ingressar na obra missionária tiveram o apoio de toda a família.

Os primeiros dias da missão, realizada nas cidades de Fortaleza e Sobral, foram longos, quentes e difíceis, pois ele compreendia pouco a Língua Portuguesa. “Mas eu não pensava tanto nessas dificuldades porque não vim aqui para aprender uma língua, não vim aqui para conhecer o lugar. Desde jovem eu me preparei porque eu iria fazer uma missão para ajudar as outras pessoas a conhecer as coisas da Igreja”, afirmou. A dedicação facilita o foco na objetividade da obra missionária. Mesmo sendo simpáticos e educados com todos que encontram, os élderes têm um objetivo ao aproximar-se deles, um dever a cumprir. Isto, no entanto, não significa insensibilidade no contato com as pessoas.

O estrangeiro não está submetido a componentes nem a tendências peculiares do grupo e, em consequência disso, aproxima-se com a atitude específica de “objetividade”. Mas objetividade não envolve simplesmente passividade e afastamento; é uma estrutura particular composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento. (SIMMEL, 1983, p. 184)

Élder Ibanhez, ao contrário, enfrentou a oposição da família e saiu de Bauru, São Paulo, para ingressar na missão. Ele decidiu, aos 18 anos, seguir a religião do seu coração, e não apenas acompanhar os parentes católicos não-praticantes. O tal coração foi tocado por uma namorada, mórmon, que o levou a uma capela. “Nunca tinha sido tão bem acolhido”, conta. Batizado em 2004 (ele sabe a data de cor), “queria agradecer de alguma forma” e tornou-se missionário. A relação com a família, que se esforçou para impedi-lo de viajar, mudou. Os que antes brigavam, hoje expressam afeto e tristeza pelo filho que está longe.

Após a missão, ele acredita que a “perseguição” da família vai continuar, mas ele está resoluto em continuar como SUD. “Vou voltar pra faculdade, ter um emprego e ser independente. Porque só sendo independente vou ter liberdade pra escolher o que quero. E montar o quebra-cabeça de novo, juntar minha família, com minha esposa e filhos”, afirma, com um pouco de pesar pelo fato dos pais não serem da Igreja, para “compartilhar e entender as coisas que sei que são boas”.

Os demais missionários foram entrevistados ao final da pesquisa, quando a obra já estava bem mais desenvolvida no bairro e a capela visivelmente com maior número de frequentadores. Conheci mais dois élderes paulistas: um me dedicou uma oração após a entrevista e o outro tentou tomar meu lugar de entrevistadora (“Diga o que *você* achou da Igreja”, insistia ele). Houve também um élder calado, um americano recém-chegado ao bairro, que entendia Português, mas ainda não falava (“Eu ... ahn... entendo você” – foi tudo o que disse durante a entrevista). Durante os dois anos de missão, estes jovens bem diferentes são pessoas cuja “vida cabe em duas malas”, explicou Élder Woodmansee. E é em torno destes SUD mais facilmente reconhecidos que se aproximam pessoas do bairro, por necessidade espiritual, chamado do Espírito Santo ou apenas curiosidade de conhecer a Igreja.

Além de batizar novos membros, os élderes do bairro receberam a orientação de trabalhar para elevar a cidade de Sobral da condição de ramo para estaca. O ramo é a unidade básica da divisão da Igreja. O crescimento no número de mórmons nas capelas da cidade (ramos Acaraú, Junco, Sobral e Sobral 2) pode elevá-las à condição de alas. Com isso, Sobral se transformaria numa estaca, ou seja, uma unidade de administração das alas.

Neste processo, o bairro Sinhá Sabóia apresentava dificuldades não apenas na quantidade de membros, mas na maneira como praticavam a religião. “Quando cheguei lá, deu pra ver. Uma capela muito bonita, mas as pessoas não me receberam muito bem. Cumprimentavam com as mãos, e depois não falavam mais. Eram frios”, contou Élder Woodmansee.

A evangelização se intensificou no ano de 2006, quando, por dois meses, o número de missionários no bairro passou de dois para quatro. “Nós trabalhamos, oramos, jejuamos, e presenciamos realmente um milagre lá”. A frequência dos encontros dominicais, que era de 35 pessoas em dezembro de 2005, passou para a média de 150 em maio deste ano. “As pessoas ficaram muito mais animadas e, onde não tinha batismo, estão acontecendo muitos batismos, muitas famílias novas conhecendo a Igreja”, afirmou o élder em entrevista.

Segundo ele, as informações que os missionários receberam ao chegar no Sinhá Sabóia foram dadas pelos élderes mais antigos e apenas referiam-se ao estado das três capelas em Sobral. Nada foi dito especificamente sobre o bairro ou os outros grupos religiosos que lá atuam. No quarteirão vizinho à capela, por exemplo, fica a sede de uma comunidade católica. Quando as janelas das salas-de-aula estão abertas, durante as aulas na Escola Dominical, pode-se ouvir o alto-falante com suaves músicas católicas. Não há uma competição visível, da parte dos mórmons. Simmel acredita, a esse respeito, que “na medida em que o objetivo de um grupo tem a possibilidade religiosa de ser alcançado – uma possibilidade incondicional, independente das relações dos membros entre si – o grupo não desenvolverá a competição” (1983, p. 146). Os católicos vivem sua religiosidade de um lado e os mórmons, de outro, literalmente. Enquanto os dois grupos obtiverem sucesso, eles não voltarão o empenho para a luta entre si.

(...), certamente, um homem luta contra outro homem, mas pela conquista de um terceiro. E a conquista daquele terceiro pode ser conseguida de mil modos, mas somente através de meios sociológicos de persuasão ou de convicção, de superação ou de rebaixamento, de sugestão ou de ameaça, em resumo, através de conexão psicológica.(...) Na medida em que a intensidade e a condensação dos conteúdos de vida crescem culturalmente, a luta pelo mais condensado de todos os bens, a alma humana, deve empregar proporções cada vez maiores e deve multiplicar e aprofundar interações que reúnam os homens e que são tanto o fim quanto os meios dessa luta. (SIMMEL, 1983, p. 141)

Os missionários realizam seu trabalho considerando o bairro como um local onde há membros e não-membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e não classificando os moradores como praticantes ou não de alguma religião. Eles não hesitam em abordar alguém para passar a mensagem da Igreja mórmon, e obtiveram sucesso mesmo com pessoas que participavam ativamente de outras igrejas.

Élder Woodmansee, com a experiência de quase dois anos de missão, lembra de alguns sinhoboienses convertidos através das visitas dos missionários. “Não chegamos na casa das pessoas e falamos porque as igrejas estão erradas. Pregamos por que sabemos que esta Igreja é de Cristo”, conta. Ernando²⁰, um senhor que era membro de uma comunidade católica no centro de Sobral, recebeu os élderes em casa certa vez. Logo no início da conversa, deixou claro que “só queria seguir o Senhor e não a Igreja”. Ele teria visto “uma espiritualidade maior” nos mórmons e sua decisão de converter-se foi muito criticada pelos amigos católicos. “Hoje ele é mais ativo na Igreja do que a maioria dos membros”, compara o élder.

Caso parecido aconteceu com Neide²¹, obreira da Igreja Universal do Reino de Deus, também no centro de Sobral. Ao conhecer os missionários, pediu um tempo para orar e perguntar a Deus o que devia fazer. Os élderes procederam da forma habitual, presenteando-a com o Livro de Mórmon. Ela, porém, não sabia ler. Sua única forma de conhecer a Igreja continuou sendo as mensagens lidas pelos missionários. A filha de Neide não gostou quando a mãe ingressou nas reuniões de preparação para o batismo, e convidou um grupo da Igreja Universal para visitar sua casa e fazê-la desistir da idéia. “Falaram que éramos do demônio... essas coisas”, relata sem surpresa Élder Woodmansee. Neide, hoje batizada, frequenta os encontros dominicais sempre com o Livro de Mórmon, pois está aprendendo a ler.

“Algumas pessoas querem se esconder de nós, mas com Ana²² foi diferente”, conta Élder Woodmansee. “Ela chegou para nós e falou: tenho curiosidade. Queria conhecer o que vocês estão pregando”. A aflição em que se encontrava a sinhoboiense de 23 anos

²⁰ Nome fictício.

²¹ Idem.

²² Idem.

levou-a a aproximar-se dos élderes. Em entrevista ela contou que nasceu em uma família católica e foi casada com um evangélico por três anos, período em que participou da mesma igreja que ele. A insatisfação com o casamento e a religião aumentavam enquanto ela via a discordância entre as pregações e os atos das pessoas. “Me afastei primeiro da Igreja e aí depois eu me afastei do casamento, porque, mesmo meu marido freqüentando a igreja, ele não mudou como eu esperava”, afirmou Ana, que continuou sofrendo agressões do companheiro. “Ó, se você sair, vai ser pior do que era antes”, foi o conselho de um colega evangélico.

Na busca de apoio espiritual, “conheci a doutrina dos mórmons. E onde estou me fortalecendo é aqui. Minha vida mudou bastante, tanto no lado pessoal como com a família, com os membros da Igreja. Minha mãe fica admirada!”, contou Ana, que ajudou na evangelização e batismo de três de seus irmãos e da filha, fruto de seu antigo casamento.

Algumas conversões, no entanto, exigiram bem mais o empenho dos élderes. O jovem recém-batizado Elano (citado no item 2.2.), por exemplo, custou-lhes visitas durante quatro meses. Inteligente e curioso, ele fazia muitas perguntas. Mesmo obtendo respostas dos membros da Igreja, ele só se sentiu satisfeito e emocionalmente tocado por um discurso, durante a 176ª Conferência Geral Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

2.4. Dos EUA para o bairro Sinhá Sabóia

Assim como os mórmons em diversos países, os do Sinhá Sabóia assistiram à 176ª Conferência Anual da Igreja, num telão instalado na capela, com tradução simultânea para o português. Os fiéis lotaram o salão sacramental nos dias 1 e 2 de abril de 2006 para ouvir os discursos dos líderes gerais da Igreja, no evento transmitido diretamente do Conference Center Auditorium, em Salt Lake City (EUA), com transmissão via satélite e Internet em 40 idiomas.

No primeiro evento internacional de que o ramo Sobral 2 participou, alguns membros viram-se inclusos no Relatório Anual da Igreja, que registrou 243.108 pessoas batizadas pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no ano passado, no

mundo todo²³. Eles conheceram também resultados de projetos mantidos pelos SUD, como “Mãos que ajudam” e “Corações Quebrantados”, que socorreram as vítimas de tragédias naturais na Ásia, e as novas Autoridades Gerais, Setentas de Área e presidências gerais auxiliares da Igreja.

Mensagens de antigos dirigentes-gerais foram bastante citadas nos discursos, incentivando a leitura dos textos sagrados, o fortalecimento do casamento e a atenção na educação dos jovens mórmons. O atual presidente da Igreja, Gordon B. Hinckley, fez um longo discurso com lembranças de seus 96 anos de vida, quando ocupou outros cargos, e de seus 11 anos de presidência, onde suas palavras são consideradas vindas da boca de Deus. “No ano passado pedi aos membros da Igreja no mundo todo que lessem novamente o Livro de Mórmon. Milhares, centenas de milhares, aceitaram esse desafio. (...) Elas foram vistas lendo o Livro de Mórmon no ônibus, durante o almoço, na sala de espera do médico e em dezenas de outras situações”, afirmou Hinckley, num exemplo de sua comoção popular.

Em outro momento, o Élder David R. Stone, do Quorum dos Setenta, conclamou os SUD a seguirem, mais do que a cultura do país em que vivem, a “cultura do povo do Senhor”. Ele contou a experiência de ter morado em 10 países e aprendido que a cultura de cada um dita aos moradores os modos de vestir, comer e se comportar. “Existe, é claro, uma a qual devemos prestar atenção. E este é o espírito da cultura do Senhor. É a cultura daqueles que guardam os mandamentos, andam em Seus caminhos e [vivem] de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Doutrina & Convênios 84:44). Se isso nos faz peculiares, então, que assim sejamos...”.²⁴

O incentivo ao trabalho missionário em tempo integral foi um dos temas focalizados durante a Conferência, com testemunhos dos líderes e exortações a abraçar o compromisso. “Venham e façam parte da melhor de todas as gerações de missionários que o mundo já conheceu”, foi o convite do Élder David F. Evans, também do Quorum dos Setenta.

²³ Relatório do Departamento de Auditoria da Igreja, 2005. Discursos transcritos da 176ª. Conferência Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Página oficial na Internet - *Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints*. Disponível no site: www.lds.org. Acesso em abril. 2006.

²⁴ Discursos transcritos da 176ª. Conferência Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Página oficial na Internet - *Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints*. Disponível no site: www.lds.org. Acesso em abril. 2006.

Assuma o compromisso de oferecer dois anos de sua vida ao Senhor. Isso mudará tudo. Você será feliz. As dúvidas se dissiparão. Você aprenderá a amar a cultura e o povo do lugar em que for chamado a servir. O trabalho será difícil, mas haverá também grande satisfação e alegria ao servir. (Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze Apóstolos)

O conselho enche de expectativas os jovens mórmons que se aproximam dos 19 anos, a idade mínima para se tornarem élderes. No ramo Sobral 2, enquanto o Élder Woodmansee avançava na conclusão de seu compromisso, o jovem Vicente²⁵ exerce a função de sacerdote do ofício de Élder, onde assiste aulas de preparação para o trabalho missionário. Ele não foi batizado aos 8 anos de idade (a mínima exigida) como o missionário americano, mas somente há um ano. Num passeio para observar a nova capela do bairro, em maio de 2005, ele aceitou anotar seu nome e endereço para uma visita dos élderes. Depois de ouvir a mensagem da Igreja e freqüentar os encontros dominicais por um mês, acompanhado de uma sobrinha, os dois receberam o batismo.

A vida de Vicente, segundo o próprio rapaz, aparentemente não mudou muito, pois ele “não freqüentava maus lugares”. Os amigos ficaram frustrados com o cancelamento do porre prometido para o aniversário de 18 anos. Ele já era mórmon e desistiu de provar bebidas alcoólicas. No mais, “continuou nas mesmas coisas. Mesma escola, mesmo bairro, os mesmos amigos. O que mudou foi o jeito de lidar com as pessoas”, afirmou o jovem, que se considera mais paciente.

Enquanto se sente mais respeitado pela família, por ser responsável e reto nas ações, Vicente reclama porque os membros da Igreja não o olham de forma distinta. “Lá fora as pessoas me admiram, mas aqui dentro é regra”, diz, sentindo-se não reconhecido pelas mudanças que efetuou na conduta desde que se tornou mórmon. Ele trocou o emprego e algumas companhias para fugir de assuntos inadequados, como palavrões e pornografia. Hoje convive mais com membros da Igreja do que com não-membros, mas “se eu falar que gosto das pessoas daqui, vou estar mentindo. Estou aqui porque sinto o Espírito”, diz, com certo desânimo. “Dentro da Igreja são todos iguais. Lá fora sou um exemplo”.

²⁵ Nome fictício.

Algumas mudanças virão, certamente, quando ele iniciar a missão. Élder Woodmansee, por exemplo, trocou a faculdade e a companhia da família pela missão em outro país, e isso lhe trouxe desafios, conhecimento de diferentes pessoas e lugares e a confirmação da fé. “Com certeza, (a vida de élder é) uma vida diferente, mas senti que nasci para fazer isso. Dá saudade, principalmente da família, mas... é mais uma experiência”, disse. Vicente continua cumprindo suas obrigações na capela e preparando-se para a sua vez de ingressar na missão, onde representará a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Dele será exigido, independentemente de sua formação ou amadurecimento na fé, a ação de colocar em prática, objetivamente, os ensinamentos que aprendeu no seu grupo da capela. Neste exercício, ainda que ele deseje o apoio de outros irmãos de fé, terá que confirmar sozinho, subjetivamente, as doutrinas mórmons.

Capítulo 3

A reunião sacramental: comunicação e sociabilidade

A terceira reunião do encontro dominical dos mórmons no bairro Sinhá Sabóia leva todos os presentes ao salão sacramental, local da capela considerado sagrado. A distribuição do sacramento, que representa o corpo e o sangue de Jesus Cristo, marca esta reunião, que é também o único momento da manhã onde os participantes da Escola Dominical estão reunidos.

Jovens, adultos e crianças se acomodam nos largos bancos de madeira da sala climatizada e aproveitam para cumprimentar os amigos. A capacidade que os mórmons têm de se comunicar dentro da capela cria uma estrutura social, a qual eles próprios se submetem. Uma pura observação do conviver dos homens, segundo Pasquali²⁶, mostra-nos o fato em si do viver em comum, ou em sociedade, como um fato inquestionável prévio a toda determinação.

E isto não acontece apenas porque os membros se acostumaram a se ver, pelo menos, aos domingos ou porque moram no mesmo local. Há uma livre e dupla circulação do saber entre sujeitos igualmente ativos, o que caracteriza, grosso modo, uma comunidade. No caso, o intercâmbio visa à partilha da fé, ou a expressar a confirmação da mesma aos que podem ser convencidos a abraçá-la. Os mórmons do bairro Sinhá Sabóia tornam-se cada vez mais uma sociedade, firmada pelo relacionamento entre seus membros, favorecido pela proximidade que experimentam no interior da capela.

Existe sociedade se existe possibilidade de comunicação; há simples aproximação física se não há comunicação possível. Somente surge, portanto, um organismo social se previamente existe uma função comunicadora; isto é, a função faz efetivamente ao órgão e não inversamente. Falando um pouco mais tecnicamente: o conviver em função do com-saber; a função comunicativa fundamenta e cria a organização social; o comunicar-se não é um dos muitos subprodutos do

²⁶ PASQUALI, Antonio. *Sociologia e comunicação*. Petrópolis, Vozes, 1973. Col. Meios de comunicação social, 11.

estar um-com-outro, mas aquele do qual se origina a possibilidade de conviver. (PASQUALI, 1973, p.55)

A mesma sociedade formada pelos presentes à reunião sacramental atua sobre eles, guiando-os sobre a postura dentro do salão. Depois de um pouco de esforço para manter as crianças sentadas e encerrar as conversas entre os amigos, a atenção dos presentes se fixa no altar à frente. O púlpito no centro é ornado com flores artificiais e um delicado microfone, onde o presidente do ramo Sobral 2 saúda: “Todos os membros e visitantes sejam bem vindos a mais uma reunião sacramental”. Seguem-se alguns avisos sobre a administração da capela e anúncio de distribuição ou mudança de cargos entre os membros da Igreja na cidade de Sobral.

No salão sacramental pode-se ver que as práticas inerentes aos mórmons constroem um lugar, físico e também psicológico, onde estas atividades podem durar. O fluxo interativo na capela do Sinhá Sabóia favorece uma dinâmica social, onde os novos membros serão cada vez mais imersos na Igreja pela interação com os demais SUD. A comunicação delimita e desencadeia este processo, transmitindo os significados entre as pessoas, inserindo e integrando o indivíduo na organização social.

O homem tem necessidade não apenas por razões biológicas, de viver em comunidade, marcando a sua existência pelos contactos múltiplos com outros indivíduos, intercambiando experiências, integrando-se no grande patrimônio coletivo que é a sociedade. Tem necessidade de estar em relação com o mundo.(...) A comunicação é o instrumento que possibilita e determina a interação social; é o fato marcante através do qual os seres vivos se encontram em união com o mundo.” (MELO, 1978, p. 21-22)

Os mórmons, enquanto estão se acostumando com a cultura da Igreja, aprendendo com as leituras sagradas em casa ou participando das aulas na Escola Dominical, constroem uma bagagem subjetiva. Melo, citando Jarbas Maciel, diz que o conhecimento torna-se objetivo, e também cultura, somente após a comunicação. “O conhecimento subjetivo, típico da atitude do homem isolado diante da realidade exterior, não é propriamente cultura, desde que não se deu ainda a comunicação com outros seres humanos” (Melo, 1978, p. 23).

O processo de evangelização mostra seu sucesso quando os membros compartilham a fé, em momentos simples como uma conversa ou a postura de respeito durante a reunião sacramental. Isto influencia também os que estão apenas visitando a capela. “Nosso objetivo básico na comunicação é tornarmo-nos agentes influentes, é afetarmos outros, nosso ambiente físico e nós próprios, é tornamo-nos agentes determinantes, é termos opção no andamento das coisas. Em suma, nós nos comunicamos para influenciar – para afetar com intenção” (Berlo apud Melo, 1978, p. 24).

Como, segundo Berger, a atividade do homem de construir um mundo é sempre e inevitavelmente um empreendimento coletivo, os membros da Igreja em questão passam aos outros suas visões de mundo, numa atitude cada vez mais social e dirigida. “Toda ação social supõe que o sentido individual seja dirigido aos outros e a interação social contínua importa em que os diversos sentidos dos atores se integrem numa ordem de significado comum”.

Dos cumprimentos formais aos gestos mais calorosos, todas as oportunidades de interação no salão contribuem para os presentes se sentirem parte daquele grupo. A educadora Maria Victoria Reyzábal afirma que “se assumimos que a comunicação implica uma ação por meio da qual um indivíduo tenta levar a que o outro saiba suas idéias, sentimentos, problemas, opiniões, medos, ilusões, necessidades... temos que aceitar que é um aspecto fundamental da socialização.”²⁷ O diálogo ou qualquer outro intercâmbio comunicativo implica a expressão de diversas experiências pessoais e sempre gera novos estímulos.

A autora classifica as redes de comunicação em horizontais ou verticais. No salão, elas ocorrem em sentido horizontal, pois “o clima do grupo é igualitário, democrático e os membros funcionam de maneira complementar e não subordinada” (Reyzábal, 1999, p. 33). No entanto, todos os sentados diante do altar atuam como ouvintes, receptores. Líderes como o presidente da capela, os discursantes do dia e regentes do coro ocupam o altar, de onde falam sobre as interpretações dos livros considerados sagrados pelos mórmons.

²⁷ REYZÁBAL, Maria Victoria. *A Comunicação oral e sua didática*. Bauru; SP: EDUSC, 1999.

3.1. Os hinos

As aulas e reuniões na capela são iniciadas ou encerradas por cânticos, ou melhor, hinos. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possui um hinário, atualmente, com 204 músicas, inspiradas em passagens das obras-padrão. A primeira edição, em inglês, foi publicada em 1985, e a versão em português, em 1990. O livro contém cifras e indicações para pianistas, coros e regentes. A maioria dos compositores, membros da Igreja, viveu nos séc. XVIII e XIX. “A música inspiradora é parte essencial de nossas reuniões na Igreja. Os hinos atraem o Espírito do Senhor, criam um clima de reverência, unificam-nos como membros, e nos proporcionam um meio de louvar ao Senhor. (...) Os santos dos últimos dias têm a tradição de cantar em coros. Toda ala e ramo da Igreja devem ter um coro que se apresente regularmente. Incentivamos os coros a usar o hinário como seu recurso básico”²⁸.

Há livros disponíveis nos bancos, para que todos cantem durante a reunião sacramental. Para as pessoas que visitam a capela pela primeira vez, basta apanhar um hinário e... observar os outros cantando. Os hinos não são lidos como um texto corrido. Por isso, podemos distinguir os visitantes, ou recém-batizados, pela companhia de alguém que lhe indica, com os dedos, o caminho a seguir no livro. Primeiro, canta-se a primeira linha de cada estrofe. Em seguida, retorna-se ao início do texto e segue-se as segundas linhas, e assim sucessivamente. É um pouco estranho no começo, mas os SUD, sentados, entoam tranquilamente os hinos, geralmente curtos e bem lentos.

A canção seduz, exalta, identifica coletivos e, por isso, nas guerras, cantam-se tantas canções e cada grupo tem seus hinos, cantados em coro. Esta coesão produz o canto coletivo, no qual quase não importa o tema, porque seu resultado está determinado pelo contexto. (REYZÁBAL, 1999, p. 174)

²⁸ Prefácio da Primeira Presidência – Hinos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Impresso no Brasil. 1990.

Há os hinos indicados para crianças, jovens, Páscoa, serviço, oração, arrependimento e outros temas. A regente e o tecladista da capela no bairro Sinhá Sabóia são uma moça de cerca de dezesseis anos e um menino de oito. Na parede de madeira, atrás do altar, vemos uma placa onde se colocam os números dos hinos escolhidos para o dia. Eles separam os três momentos da reunião: a acolhida, com os avisos da capela, o sacramento, e a preparação para ouvir as pregações ou testemunhos.

14

Hoje, ao Profeta Louvemos

Com vigor ♩ = 76-96

1. Ho - je ao pro - fe - ta ren - da - mos lou - vo - res, Foi or - de -
 2. Por as - sas - si - nos seu san - gue ver - ti - do Sem - pre o
 3. É gran - de a gló - ria do seu no - me e - ter - no To - das as
 4. Os seus al - go - zes, sem al - ma, im - pie - do - sos, Por seu de -

na - do por Cris - to Je - sus Pa - ra tra - zer a ver -
 câr - ce - re ma - cu - la - rá; Sem - pre se - rá e - xem -
 cha - ves do Rei - no te - rá. E na man - são ce - les -
 li - to cru - el pa - ga - rão, Mas o pro - fe - ta de

da - de aos ho - mens Pa - ra aos po - vos tra - zer no - va luz!
 plar su - a vi - da, To - do o mun - do lou - vo - res da - rá!
 tial, pa - ra sem - pre, En - tre pro - fe - tas no - mea - do se - rá!
 Deus, a - ben - çoa - do, Vi - ve fe - liz na ce - les - te man - são!

Gran - de pro - fe - ta aos céus e - le - va - do Teus i - ni -
 mi - gos re - sis - tem em vão Dian - te de Deus és o
 nos - so le - ga - do, Teus i - ni - mi - gos ja - mais ven - ce - rão!

Letra: William W. Phelps, 1792-1872
 Música: Canção folclórica escocesa

Doutrina e Convênios 135

Ilustração 2 - Página do livro de Hinos

3.2. O sacramento

O momento mais solene da reunião sacramental é a distribuição do sacramento aos presentes no salão. “Todos os que se acharem dignos, podem recebê-lo”, explica Patrícia Nascimento. Entre os mórmons, a função de distribuí-lo cabe aos rapazes a partir dos 14 anos, ordenados como mestres, sacerdotes e diáconos.

O propósito de tomar o sacramento, conforme afirmação do Élder L. Tom Perry, do Quórum dos Doze Apóstolos²⁹, “é renovar os convênios (acordos) que fizemos com o Senhor”. Diferente da comunhão dos católicos, por exemplo, que é feita com a hóstia, produzida especialmente para a ocasião, e o vinho, os símbolos utilizados pelos mórmons no sacramento são pães-de-fôrma simples, partidos em pequenos pedaços, e água, dividida em minúsculos copos de plástico. Uma oração lida em voz alta evoca a bênção de Deus Pai sobre as bandejas com os elementos que representam o corpo e o sangue de Jesus Cristo.

A importância do símbolo não está no prolongamento da manifestação do sagrado (hierofania), mas em sua substituição. Naquele momento, os símbolos do sacramento revelam uma realidade sagrada que nenhuma outra manifestação revela. E cada pedaço de pão, além de representar o corpo de Cristo, é considerado como o corpo de Cristo, e os vários copos de água, como *Seu* sangue. “Em último caso, um objeto que se torna símbolo tende a coincidir com o todo, da mesma forma que a hierofania tende a incorporar o sagrado na sua totalidade, a esgotar, por si só, todas as manifestações da sacralidade”³⁰. Sentados, os membros da Igreja aguardam em oração, muitos com a cabeça baixa e os olhos fechados, até que o sacramento chegue até a todos os bancos.

²⁹ Discursos transcritos da 176ª Conferência Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Página oficial na Internet - *Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints*. Disponível no site: www.lds.org. Acesso em abril. 2006.

³⁰ ELIADE, Mircea. Cap. XIII - A estrutura dos símbolos. In: *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

3.3. Pregações

Após o sacramento e a entoação de mais um hino, o altar é ocupado pelos discursantes escolhidos para a reunião. O presidente da capela lê os nomes dos três convidados para a ocasião, e eles ocupam o púlpito, um de cada vez, acompanhados dos textos que lhes suportarão no discurso. Passam à condição de educadores, e o público, de ouvinte.

Vozes calmas, no volume de uma conversa, pregam para cerca de 130 pessoas uma interpretação para as leituras sagradas. Alguns, como os élderes, o presidente e o ex-presidente da capela falam tranquilamente enquanto manuseiam páginas de livros, e mesmo os demais membros da Igreja, apesar de demonstrar certo nervosismo, discursam sem problemas. O ato de falar, no qual a produção e a recepção produzem-se simultaneamente, é um dos aspectos mais basicamente humanizadores da convivência moderna, destaca Reyzábal. Os discursantes tentam transformar seus passos no entendimento das doutrinas em patrimônio coletivo. Eles devem ser capazes de “falar, com clareza e precisão, para si mesmo e para os demais – sempre tendo em conta que falar não é pronunciar palavras, mas “recriá-las” na construção de cada discurso.”

Para José Roberto Whitaker Penteadó, a comunicação humana procura a coincidência entre a personalidade subjetiva, que existe interiormente, e a objetiva, que se manifesta exteriormente. “Da mesma forma que o significado é inseparável do contexto, a personalidade está ligada ao comportamento, à sua reação individual e ao meio social” (1993, p. 79). Enquanto aquelas pessoas estão no altar, ocupam a função de pregadores. Suas experiências físicas e espirituais serão utilizadas como base para a interpretação dos ensinamentos contidos no Livro de Mórmon e confirmação da fé na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O alvo é o público que, ainda que não esteja familiarizado com as histórias descritas nos livros, compartilha delas. “As leituras têm as doutrinas precisas para nossa salvação”, diz um discursante. Ele cita personagens conhecidos apenas pelos que tem intimidade com o Livro de Mórmon. “Em Alma 37,44, temos “pois eis que é tão fácil dar ouvidos à palavra de Cristo, que te apontará um caminho reto para a felicidade eterna, como o foi para nossos

pais dar atenção a essa bússola, que lhes apontava um caminho reto para a terra prometida”” .

Os novos membros talvez não saibam ainda o que foi a “bússola”, o que ela significou para o povo de Leí, e muito menos quem foi Alma, o escritor da referida passagem. Os discursantes explicitam, então, os ensinamentos dos textos escolhidos para reflexão. Penteado (1993, p. 1) afirma que a “compreensão” é fundamental para que se possa colocar em comum idéias, imagens e experiências. Os que falam no púlpito tentam este exercício, criando palavras e recriando idéias num sentido compreensível para o público.

Podemos dirigir nossos pensamentos para onde queremos. Cada um constrói sua vida com suas próprias ações. A obediência que devemos é aos princípios que abraçamos. (...) Principalmente, somos abençoados por sermos amados por Jesus. E através dos nossos líderes vamos evoluir. (Explicação de um discursante para o trecho bíblico Atos 17, 29)³¹

Os discursos abordam também orientações da Igreja sobre o jejum, o pagamento do dízimo, a caridade e a educação dos filhos, “acompanhando seu crescimento e lendo as leituras sagradas com eles”. Outros temas recorrentes são a felicidade em fazer parte da “Igreja de Jesus Cristo sobre a Terra” e a necessidade de viver o Evangelho e trabalhar para o crescimento do ramo Sobral 2, levando a família e os amigos à capela.

Os pregadores do dia são designados previamente, e quase todos os presentes os conhecem, o que aumenta a sensação de integrar um grupo. “Participar é justamente o usufruto da condição de ser parte de um todo. Quem está isolado não pode ser parte, não participa. Comunicar é fazer participar, é trazer para a comunidade o que dela estava isolado”. (Veloza apud Melo, 1978, p.14).

³¹ “Se, pois, somos da raça de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra lavada por arte e gênio dos homens. Deus, porém, não levando em conta os tempos da ignorância, convida agora a todos os homens de todos os lugares a se arrependerem.” (Atos dos Apóstolos 17,29)

Do púlpito, alguns degraus acima do nível do altar, é possível avaliar a frequência na capela, a atenção dos ouvintes e distinguir os visitantes. “Há três meses, havia bancos vazios aqui. Hoje foi preciso abrir as cortinas”, afirma um ex-presidente do ramo Sobral 2, durante seu discurso. Naquele dia, os missionários abriram as cortinas no fundo do salão, dando acesso a uma sala com mais alguns bancos, onde se acomodou uma dezena de pessoas que estavam de pé.

Conforme a frase na entrada da capela, “visitantes são bem-vindos”. A única exigência é a atenção às pregações. Penteado, que afirmou a necessidade da compreensão para se efetuar a comunicação, pondera que isto “não quer dizer necessariamente, acordo”. Na reunião sacramental, membros e não-membros da Igreja ouvem as pregações e podem até discordar delas. No entanto, ao contrário de uma aula da Escola Dominical, a pregação transcorre sem interrupções. Posso tirar dúvidas no lado de fora do salão, conversando com os pregadores.

Mesmo quem vai embora sem consultar ninguém ou demonstrar sua aceitação ou rejeição às doutrinas da Igreja, certamente teve alterada a imagem que possuía do grupo religioso, pois, conforme Melo, nada se comunica sem que os dois agentes em comunicação – o que recebe e o que comunica – se mudem ou se transformem de certo modo.

Quem recebe a comunicação tem uma experiência que lhe transforma a própria natureza. Quem a comunica, por sua vez, se muda ou se transforma no esforço para formular a sua própria experiência. Há, assim, uma troca, um mútuo dar e receber. Por isso, toda relação social realmente vivida e participada é educativa para os que dela participam.(...) Ela (a comunicação) modifica a disposição mental das duas partes associadas.(MELO, 1978, p. 16)

3.4. Dia de testemunho

O espaço reservado às pregações na reunião sacramental, no primeiro domingo do mês é dedicado aos membros que desejem prestar um testemunho da ação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O termo testemunho, que significa depoimento,

prova, indício, e declaração ou alegação duma testemunha em juízo, segundo o dicionário Aurélio, tem o sentido acrescido aqui da conotação religiosa.

O testemunho religioso caracteriza-se por um comprometimento ainda maior da pessoa que testemunha, segundo Janaína Taillade³². “A diferença entre testemunho profano e religioso, segundo a teologia fundamental, é que no segundo o valor está no chamado recebido e não na pessoa em si”. Conforme o Dicionário de Teologia Fundamental, a base do testemunho é o comprometimento da pessoa em ser sincera – dizer a verdade – e a confiança de quem ouve o relato. “(...) a palavra da testemunha torna-se para quem não viu ou ouviu um substituto da própria experiência” (Fisichella, Latourelle apud Taillade, 1999, p. 46).

Na capela mórmon do bairro Sinhá Sabóia, os freqüentadores exaltam a melhora ocorrida em suas vidas desde que se tornaram membros da Igreja. “Como sou grata a esse Evangelho que mudou minha vida! (...) Como sou feliz por estar crescendo aqui!” (Senhora idosa, falando entre lágrimas). Eles relatam suas reflexões, como a exposição de uma avaliação pessoal, de onde eles próprios tiram ensinamentos. “Se eu fizer as coisas boas, Deus vai me abençoar” (Vicente, de 19 anos). “Temos que ser como crianças, obedientes” (Élder Woodmansee). “Todo testemunho deve ser postado. Sei que Jesus vive e que esta é a Igreja d’Ele. Ele morreu por cada um de nós. Esta é a maior graça” (Élder recém-chegado ao Sinhá Sabóia, de cerca de 20 anos).

A atitude condiz com o que o Livro de Mórmon designa como testemunha: “alguém que confirma a veracidade de alguma coisa ou a testifica com base no conhecimento pessoal”.³³ No entanto, o testemunho expresso é descrito, pela mesma fonte, como conhecimento e confirmação espiritual *que dá o Espírito Santo*. Nos dois casos, exalta-se a pessoa que testemunha, pois “condiz com o ensinamento de que só a pessoa pode saber se é verdade”. A investigação de Janaína Taillade, sobre testemunhos de jovens em uma revista publicada pela Renovação Carismática Católica, destacou as seguintes características:

³² TAILLADE, Janaína Vieira. “Cap. III- Os testemunhos”. In: *Testemunhos de jovens na revista Shalom Maná*. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, em 1999.

³³ Guia de Estudo das Escrituras. In: *O Livro de Mórmon: outro testamento de Jesus Cristo*. Publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Salt Lake City, Utah, EUA, 1995.

Em primeiro lugar, o testemunho religioso pretende ser prova de uma verdade impalpável (caráter religioso) que foi experimentada pela pessoa. Segundo, ele pressupõe uma iluminação do seu agente pelo Espírito Santo (para os carismáticos isso tem uma importância especial), mas, também, a vontade ou coragem de se expor à opinião dos outros (exposição a uma recusa). Terceiro, por trás do testemunho, há uma vontade prosélita (argumentação) de transmissão ou comunicação de uma experiência pessoal (relato de vida). (TAILLADE, 1999, p. 48)

A sessão de testemunhos dos mórmons foge da terceira característica devido ao que pode ser considerado como objetivo do momento. O público presente no salão sacramental é quase totalmente formado por pessoas já batizadas na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o que confere ao testemunho um caráter menos de proselitismo, ou seja, de convencer alguém a aderir à doutrina mórmon, e mais de evangelização, ou pregação do Evangelho.

Ainda segundo Taillade, “como relato de vida, o testemunho tem, nos acontecimentos reais da vida pessoal, uma coluna vertebral”. E, nos discursos por ela analisados, havia “uma tendência geral dos “crentes” a se tornarem independentes das instituições religiosas, a vivenciar as crenças de forma mais individual e a basear-se em experiências emocionais do sobrenatural”. No caso dos mórmons, os relatos de vida também são a base do testemunho, mas eles reafirmam a autoridade da Igreja. Ao invés de contar uma história dividida em “antes” e “depois” de abraçar a religião, como visto em testemunhos de católicos estudados por Taillade, os mórmons enaltecem o ‘a partir de agora’, em que eles têm o conhecimento de “estar na Igreja verdadeira de Cristo”, e como são felizes por isso.

3.4.1. “Este é o testemunho que deixo”

No púlpito, o presidente anuncia: “O templo está livre. Todos são convidados a prestar seu testemunho”. A partir daí, os vinte minutos reservados para tal são rapidamente preenchidos por uma sucessão de pessoas no altar. Alguém se levanta delicadamente dos bancos largos e claros e dirige-se ao altar. “A palavra é a forma de expressão da personalidade. Muitos se preocupam mais com a aparência, as roupas, as maneiras, o

conjunto. Mas se desejamos impressionar favoravelmente os outros, a impressão que mais se fixa é o modo pelo qual falamos”, disse Penteadó (1993, p. 258).

O mórmon compartilha sua história, reflete, sorri, às vezes chora, e rejubila-se com os demais. Assistindo os testemunhos, aprendi que dois fatos se repetiriam naquele momento: cada discurso terminaria com a assertiva “e este é o testemunho que deixo em nome de Jesus Cristo. Amém”, e o então discursante desceria os degraus do altar visivelmente mais feliz ou aliviado.

Os testemunhos se iniciam, na maioria das vezes, com palavras tímidas e um pouco embaraçadas, mas terminam elevados à condição de relatos da intervenção divina. Se as palavras vêm do céu para o homem, ou vão do altar para o céu, a aparência é de que elas trafegam nas duas vias. E certamente terminam no homem. “As experiências macrocósmicas deixam de ser para ele (o homem) exteriores e, enfim, “estranhas” e “objetivas”; elas não o alienam de si mesmo mas, pelo contrário, conduzem-no a ele próprio, revelam-lhe a sua própria existência e o seu próprio destino” (Eliade, 1993, p. 372). Enquanto a pessoa conta sua história, parece confirmar para si as marcas de sua caminhada até conhecer a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mas a testemunha não se fixa nesta época, e sim na satisfação de viver o momento atual, inclusive ressaltando o valor do apoio dos irmãos de fé.

Das histórias que ouvi, algumas me soaram familiar a testemunhos ouvidos em outras instituições religiosas, como descrição de dificuldades enfrentadas no cotidiano e busca de apoio na oração. Poderia tirar daqueles depoimentos, levados à condição de testemunho por estarem contidos num ritual religioso, um “Discurso Social Coletivo”, seguindo a pesquisa de Fernando Lefevre e Ana Maria Lefevre sobre “Depoimentos e Discursos”. Eles defendem que um discurso, em primeira pessoa, pode reunir e representar uma coletividade.

O DSC (discurso social coletivo) individualizado, isto é, a coletividade opinando discursivamente na primeira pessoa do singular, foi a forma icônica que se encontrou para reconstituir o pensamento coletivo, porque se acredita que, quando os indivíduos, espontaneamente, pensam ou opinam, é a coletividade que está pensando neles ou através deles, sem que, por isso, como erroneamente se acredita, a individualidade ou a criatividade desses indivíduos fique, de

alguma forma, comprometida por um suposto efeito de determinação.(LEFEVRE e LEFEVRE, A. M., 2005, p. 51-52)

Para entender o que as coletividades pensam, segundo os autores, é preciso, primeiro, descrever seus discursos para depois interpretá-los. Eles consideram que o pensamento ou a opinião dos indivíduos que compõem a coletividade da qual se pretende analisar o discurso só pode ser visto, legitimamente, como um depoimento discursivo, composto por uma idéia central e seus respectivos conteúdos e argumentos. “Ora, se esse pensamento dos indivíduos, considerado isoladamente, é um discurso, o pensamento de uma coletividade deveria também ser visto como um discurso”.

Para traçar o Discurso Social Coletivo expresso nas sessões de testemunho na capela do bairro Sinhá Sabóia, no período em que participei das reuniões sacramentais, observei as opiniões individuais em comum, já que o DCS amplifica os discursos individuais com o mesmo sentido ou com sentido equivalente. As verdades atestadas pelos membros que testemunharam foram relacionadas à origem da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, através da revelação a Joseph Smith: “Estou muito feliz de estar nesta Igreja e sei que ela é a única verdadeira”; “Sei que o livro de Mórmon é verdadeiro e que temos um profeta vivo”.

Mesmo observando que essas idéias aparecem em quase todos os testemunhos, outros aspectos indicativos do que representa a Igreja para os mórmons, alguns recém-convertidos, aparecem nos discursos. O pensamento gerado num pequeno grupo é o resultado de uma dinâmica grupal. “O pensamento coletivo está mais validamente presente no indivíduo que no grupo, uma vez que o pensamento coletivo é a presença, internalizada no pensar de cada um dos membros da coletividade, de esquemas sociocognitivos ou de pensamento socialmente compartilhado” (Lefevre e Lefevre A. M., op cit).

“Sei que Jesus vive e que Morôni foi um grande profeta. (...) Que nós sejamos como ele, Néfi, que foi e fez a vontade de Deus”. (tecladista da capela, de aproximadamente 8 anos de idade)

“Temos quatro princípios: a família, o trabalho, a Igreja e nós mesmos. Devemos orar e trazer pessoas para a Igreja”. (Senhora de cerca de 40 anos)

“Este é o evangelho de Jesus Cristo, esta é Sua Igreja e temos um profeta vivo. (...) Vocês são pessoas de fé. Vocês estão aqui pela fé e pelo ânimo. Desejo que Sobral se torne um distrito independente, que evolua de ramo para ala. Se perseverarmos, seremos salvos. Agradeço a Deus. Hoje estou num mundo melhor, numa Igreja de milagres”. (Membro batizado há muitos anos. Hoje tem 40 anos)

“Faço tudo o que está ao alcance. Sei que o profeta Hinckley fala diretamente com Deus”. (Coordenadora da Organização das Moças)

Voltando à idéia de testemunho religioso, o que importa é sua sinceridade, sua intenção de dizer a verdade, mesmo que haja engano ou ilusão de sua parte. “Pode haver erro humano no testemunho, mas esse é válido sobretudo quando seu objeto é uma realidade impalpável como no caso da religião. Se a realidade a ser demonstrada pode ser conhecida diretamente o testemunho se torna inferior” (Taillade, op cit). No caso dos mórmons na capela do Sinhá Sabóia, a realidade é, sim, passível de comprovação, pois os testemunhos citam transformações pessoais, que podem ser confirmadas pelos que convivem com as pessoas que proferem os discursos no púlpito. Contudo, acima da preocupação com a veracidade, o objetivo principal dos testemunhos é conferir à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a responsabilidade pelas mudanças constatadas.

“Sou grata por conhecer este Evangelho. Já participei de outras igrejas mas quem lê o Livro de Mórmon até o fim, e a Bíblia, não se afasta do Evangelho. Temos que falar, assim como [o profeta Joseph] Smith, que morreu pelo Evangelho”. (Senhora que testemunhou em dois meses consecutivos)

“É uma felicidade estar na Igreja e com os outros élderes. Deus é fiel. Agradeço pela minha família. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é uma igreja de Deus e o Livro de Mórmon é uma inspiração divina”. (Élder recém-chegado ao bairro)

“Essa é a única igreja verdadeira na face da Terra. Deus vai nos abençoar se formos fiéis. Sentimos o Espírito Santo quando viemos dar o testemunho. Estou muito feliz por estar na Igreja”. (Outra senhora)

“Estou na Igreja há 6 anos. Foi a melhor escolha da minha vida. Sei que esta é a Igreja verdadeira e que temos um profeta vivo”. (Moça)

“Sei que a Igreja é verdadeira. (...) Meu filho mais velho me batizou. Vamos ver a face do Pai Celestial. E do nosso irmão salvador. Como sou feliz por estar crescendo aqui. Se você quiser que sua família vá à eternidade, só entrando nessa Igreja. Sou grata pelo Evangelho. Sou grata pelo profeta Hinckley. Sei que Jesus vive e está perto de nós.” (Senhora um pouco idosa, que fala entre lágrimas).

Alguns testemunhos de autoridades locais da Igreja me chamaram a atenção por incluírem uma reflexão, não sobre a vida deles, mas a trajetória do ramo Sobral 2. Eles apresentaram mais explicitamente um caráter de inspiração para os presentes à reunião.

“Sei que essa é uma Igreja verdadeira e que Jesus nos ama. Algumas vezes o Senhor coloca pessoas para abrir nossos olhos. Que nós tenhamos humildade para vê-las”. (Presidente de outra capela mórmon da cidade)

“Essa é uma Igreja de milagres. Temos que arregaçar as mangas. Não existe outro caminho a não ser Deus. A Igreja é verdadeira e foi restaurada por um profeta vivo. Essas verdades eu compartilho com vocês”. (Professor dos novos membros)

“Tivemos trabalho para construir a Igreja (a capela), e agora vamos enchê-la. Não devemos ter receio de levar o Evangelho porque o máximo que pode acontecer é alguém nos dizer “não”. Não vão nos abater. Joseph Smith restaurou o Evangelho. Ouçamos o profeta Hinckley”. (Membro de outra capela da cidade)

O testemunho é muito pessoal, pressupõe a exposição da pessoa na sua intimidade. Ouvi-lo é ouvir uma confissão, autorizada pela escolha livre do indivíduo em testemunhar. Ele conta uma história de fé na Igreja da qual é parte agora, e seu discurso expressa, e/ou provoca comoção e até lágrimas. Certo dia, Lúcia³⁴, coordenadora da Organização das Moças, num discurso emocionado, relatou o início do ano letivo do filho numa escola onde ele é o único de sua religião. Ela contou que o menino ficou feliz quando se apresentou ao professor no dia seguinte a uma aula de Religião e disse: “sou mórmon!”. Em outro mês, também entre lágrimas, ela leu uma carta que o filho escreveu enquanto ela viajava para conhecer o templo da Igreja em Recife (PE), o único no Nordeste.

“Sou grata ao Pai celestial por ter o Evangelho na minha família. Eu amo este Evangelho. Amo minha família. Sei que Gordon Hinckley é um profeta vivo e as escrituras são nossos guias. Eu aprendi bastante (na viagem) e voltei com mais vontade de ser uma pessoa melhor”. (Lúcia, coordenadora da Organização das Moças)

“O coração sempre pulsa mais forte quando subimos aqui para dar testemunho. Deus nos ama e nos tem dado profetas. Mas não adianta ficar aqui; temos que agir. Sei que Jesus veio, que Joseph Smith foi um profeta. Estas são as verdades humildes que levamos. Pregamos a fé, o arrependimento e o batismo para os novos membros. Para os membros, o trabalho continua. Amo meu Salvador, amo todos vocês, meus irmãos”. (Élder Woodmansee)

Mais importante do que o “como fala” e “o que fala”, é a expressão da testemunha. Quando o convertido proclama os efeitos da Igreja em sua vida, leva ao conhecimento de outras pessoas que ele vive algo que lhe faz diferença. E, ainda, conforme a aceitação dos ouvintes, pode confirmar a plausibilidade do novo mundo de que participa, na nova religião. “Em outras palavras, o mundo cultural é não só produzido coletivamente como também permanece real em virtude do reconhecimento coletivo” (Berger, 1985, p. 23). A socialização do discurso apresenta importância maior que o seu entendimento. A

³⁴ Nome fictício.

exteriorização do testemunho expande o mundo social produzido intimamente, subjetivamente, pelo membro da Igreja, para o mundo social real externo.

A cultura da Igreja, com doutrinas que o convertido deve aprender e ensinar, passa a ser sua base de produção de sentidos. No entanto, os acontecimentos relatados pelos mórmons foram vividos no seio de uma sociedade que ultrapassa os portões da capela. Berger afirma que, embora toda cultura se origine e radique na consciência subjetiva dos seres humanos, uma vez criada, ela não pode ser reabsorvida à vontade na consciência. Subsiste fora da subjetividade do indivíduo, como um mundo, atingindo o caráter de realidade objetiva.

Os homens, coletivamente, exteriorizam-se na atividade em comum e assim produzem um mundo humano. Esse mundo, inclusive a parte dele a que chamamos estrutura social, ganha para ele um status de realidade objetiva. O mesmo mundo, como uma realidade objetiva, é interiorizado na socialização tornando-se parte constituinte da consciência subjetiva do indivíduo socializado. (BERGER, 1985, p. 93)

No fim da manhã, cumprido o dever do dia santo, e depois de ouvir, falar, conhecer ou rever amigos e irmãos da mesma fé, o clima na capela é de uma cômoda familiaridade com o local e as pessoas, inclusive os visitantes. Todos transparecem bem-estar e fino trato uns com os outros. Como disse Geertz, a religião, assim como a ética, o misticismo ou a polidez, aponta para um mesmo fim: “uma tranquilidade despreendida que é uma prova contra qualquer perturbação, tanto interna quanto externa”.

3.5. Mórmons no lado de fora da capela

Durante os testemunhos assistidos, os mórmons não falaram com detalhes de momentos de seu cotidiano, mas atribuíram a melhoria de suas vidas à experiência espiritual como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Eles testificaram isso para pessoas da mesma prática religiosa que a sua, num ambiente construído especialmente para esse fim. No entanto, o exercício de toda religião exige a vivência em uma sociedade que não está restrita aos que compartilham dos mesmos ideais.

O exercício da fé não se satisfaz com a realização no campo pessoal; necessita da partilha. Para praticar a fraternidade proposta pelas doutrinas de uma religião, o indivíduo inevitavelmente insere-se num grupo, constrói uma vida social. Como os primeiros mórmons começaram a reunir-se em Sobral há 23 anos, algumas famílias, inclusive no Sinhá Sabóia, são formadas por membros e “não-membros da Igreja”, como dizem os mórmons.

Os sinhaboienses desenvolvem uma rotina em locais que envolvem diversos moradores, reunidos por viverem no mesmo bairro e realizarem atividades comuns. Certo dia, na reunião da Sociedade de Socorro, destinada às mulheres acima de 18 anos, a discursante falou sobre tolerância com os demais credos, conforme a lição de uma revista publicada pela Igreja. “Muitas igrejas ensinam coisas boas mas as verdadeiras ordenanças (bênçãos) estão no Evangelho restaurado. Em vez de criticar outras religiões, devemos viver de modo a mostrar a veracidade e a bondade da nossa. Não temos tempo para isso. Nunca é certo fazer isso”, afirmou em seu discurso.

Ela pediu então para alguém contar o que mudou na sua vida desde que se tornou mórmon. As presentes ficaram em silêncio, um pouco tímidas. A discursante repete a pergunta, direcionando-a para uma senhora idosa, que responde: “Melhoraram as coisas...” “Como?”, insiste a líder. “Do ruim passou pro bom”, completou a senhora, e relatou um fato ocorrido durante a semana.

“Ontem... ou foi anteontem... teve uma festa das mães na escola. Teve uma hora em que fizeram uma roda pra uma oração. Um as mulheres ficaram reparando na gente, pra ver o que a gente ia fazer, porque sabiam que a gente não rezava...” (Outra senhora continua a história) “Foi mesmo! A gente fechou os olhos e ficou em silêncio, em oração, enquanto elas rezavam. Aí teve uma mulher lá, evangélica, que foi super ignorante e saiu da roda falando bem alto que não ficar ali com elas, não, que não ia rezar... Ela foi embora e ficou todo mundo olhando.”

As presentes à reunião comentaram o fato em conversas paralelas. “É, era melhor ter ficado calada”. “Não precisava ser ignorante”. “É até uma questão de educação”. A discursante também comentou: “É importante você reverenciar, respeitar a religião dos

outros. Na Igreja (mórmon) a gente aprende isso: respeito. Provavelmente ela não foi ensinada como a gente”, afirmou seguramente, bastante confiante.

Os mórmons do bairro assumem o papel de pregadores do “Evangelho restaurado”, conforme o Livro de Mórmon. Mas parece pesar mais para eles a vivência de seus princípios de forma pessoal. Nesta conduta íntima é imperativa a fraternidade com os irmãos, inclusive os que não são mórmons. Isso gera um curioso ciclo de confirmação da fé, justamente pela capacidade de viver com pessoas diferentes. “Não devemos derrubar a casa de alguém sem antes construir outra pra ele. A fé (de alguém que não é mórmon) já é pouca; não vamos acabar com o pouco que ele tem. Vamos plantar uma semente”, afirmou uma discursante na Sociedade de Socorro, demonstrando grande orgulho por sua religião.

É nesse misto de empenho em levar a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ao máximo de pessoas e, ainda, cumprir o papel de membros, educados e respeitosos, que os freqüentadores do ramo Sobral 2, seguindo as mesmas orientações de outros membros em várias partes do mundo, vivem sua identidade de mórmons no bairro Sinhá Sabóia.

Considerações Finais

A característica mais pessoal dos mórmons sinhaboienses, percebida durante os encontros na capela, foi a comunicação e a sociabilidade construídas naturalmente pelos homens quando reunidos em grupos com alguma afinidade. No aprendizado e vivência da cultura mórmon, é importante expressar-se como membros da Igreja, seja entre membros da Igreja ou não, para reconhecer-se como tal.

A comunicação e interação entre mórmons e recém-convertidos é um incentivo ao aprofundamento na religião. Em palavras do presidente geral Gordon B. Hinckley, “esta Igreja espera muito das pessoas. Tem uma doutrina vigorosa. Os que se batizam precisam de ajuda, enquanto se ajudam aos modos e culturas desta Igreja”.

O compromisso assumido por élderes e no qual se empenharam todos os membros de Sobral, principalmente os pioneiros, enfim será alcançado: Sobral passará à condição de estaca da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A promoção de categoria foi alcançada pelo aumento no número de fiéis na cidade e o acréscimo de mais dois ramos (Betânia e Tianguá, ambos funcionando na capela do Junco), o que será anunciado em conferência. Atualmente, os mórmons de todos os ramos de Sobral se preparam para a I Conferência da Estaca Sobral Brasil, no dia 6 de agosto de 2006.

As capelas sobralenses, chamadas atualmente de ramos Junco, Acaraú, Sobral 1 e Sobral 2, passarão a ser chamadas de alas. Migrando da condição de distrito (conjunto de ramos) para estaca, Sobral se tornará independente da missão Brasil-Fortaleza e terá mais autonomia na administração de suas unidades. Uma sede administrativa deve ser instalada na ala Junco.

A ata da 1ª. reunião sacramental na cidade, realizada em 3 de julho de 1983 e com o registro de 12 presentes, estampa o convite para a Conferência, que será aberta a membros e não-membros. O atual corpo de lideranças mórmons sobralenses (presidentes e secretários de ramos, líderes da Organização das Moças, dos Rapazes, da Primária e Sociedade de Socorro) será reordenado, com a desobrigação de alguns membros e chamada de outros.

Esta autonomia conquistada pelo desenvolvimento da capela na cidade poderia significar a mudança para um jeito mais *sobralense* de evangelizar e orientar o crescimento da Igreja na cidade. No entanto, acredito que o trabalho de conquistar novos membros

continuará a ser o modelo aprendido dos EUA, como acontece no mundo todo. Os que não são mórmons continuarão alvos do ordenado trabalho de evangelização, que deve se tornar mais maciça com a instituição da estaca.

Os mórmons não deixam de defender a autoridade de sua religião, e desejam vivê-la numa comunidade. Esta comunidade vem crescendo no Sinhá Sabóia, com novos visitantes e recém-batizados a cada encontro dominical na capela. E nos demais ambientes do bairro, os membros cumprem os papéis de trabalhadores, estudantes, filhos, genros, noras, amigos e vizinhos de sinhaboienses que se diferenciam deles, nestes momentos, apenas pela alcunha de não-membros da Igreja.

Bibliografia

A *LIAHONA* - Publicação oficial em português d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Vol. 59 No. 3 -Março/ 2006- e No. 4 -Abril/ 2006.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”. In: *A construção social da realidade*, Petrópolis: Vozes, 1987.

CARVALHO, José Jorge de. *A Religião como Sistema Simbólico. Uma Atualização Teórica*. Série Antropologia. Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Brasília, 2000.

ELIADE, Mircea. “A estrutura dos símbolos” e “Conclusões”. In: *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FELZEMBURGH, M.; GOMES, G.; e FIALHO, E. “Novas Igrejas protestantes: um programa arquitetônico?” In: *Arquitextos* - Texto Especial 193, agosto 2003. Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Disponível em www.arquitextos.com.br . Acesso em jan. 2006.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, “A religião como sistema cultural” e “ ‘Ethos’, visão do mundo e a análise de símbolos sagrados”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora. 1989.

HINOS. Publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Impresso no Brasil. 1990.

HOUTART, François. *Sociologia da religião*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

JARDILINO, José Rubens L. e SANTOS, Gerson Tenório dos (org). *Ensaio de religião e psicologia*. São Paulo: Plêiade, 2001.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. *Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Série Pesquisa – 12. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MELO, José Marques de. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

O LIVRO DE MÓRMON: outro testamento de Jesus Cristo. Tradução de “The Book of Mormon”. Publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Salt Lake City, Utah, EUA, 1995.

PÁGINA OFICIAL - Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Disponível no site: www.lds.org . Acesso em abril.2006.

PÁGINA OFICIAL EM PORTUGUÊS da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Disponível no site: www.mormon.org.br . Acesso em 10.fev.2006.

PAIVA, Olga Gomes de (coord). *Sobral: patrimônio de todos: roteiro para a preservação do Patrimônio Cultural*. Fortaleza: IPHAN, 1999.

PASQUALI, Antonio. *Sociologia e comunicação*; tradução de Santo Rossetto e Vítor Hugo. Petrópolis, Vozes, 1973. Col. Meios de comunicação social, 11.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. *A técnica da comunicação humana*. 12ª. ed. São Paulo. Pioneira, 1993.

PERFIL dos municípios brasileiros 2006. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível no site: www.ibge.gov.br . Acesso em 18.mai.2006.

PRINCÍPIOS do Evangelho. Publicado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Salt Lake City, Utah, EUA, 1990.

REYZÁBAL, Maria Victoria. *A Comunicação oral e sua didática*; tradução: Waldo Mermelstein. – Bauru; SP: EDUSC, 1999.

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. *Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará (1700 a 2004)*. Fortaleza: Premius, 2004.

SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de (org). *Georg Simmel: sociologia*. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli et all. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

TAILLADE, Janaína Vieira. “Os testemunhos”. In: *Testemunhos de jovens na revista Shalom Maná*. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1999.